Biblioteca Virtualbooks

FRITZMAC

ALUÍSIO AZEVEDO
&
ARTUR AZEVEDO

FRITZMAC

ALUÍSIO AZEVEDO
&
ARTUR AZEVEDO

Revista fluminense de 1888, em prosa e verso, em um prólogo, três atos e dezessete quadros

A
Luís Braga Júnior
O.D.C.

PERSONAGENS

MADEMOISELLE FRITZMAC
AMOROSA
A AVAREZA
A PACIÊNCIA
UMA SENHORA
DONA INÊS DE CASTRO
O AMOR
A LUXÚRIA
A LIBERDADE
O CONGRESSO DOS FENIANOS
A SOBERBA
A DILIGÊNCIA
OUTRA SENHORA
A GRÃ-VIA

A INVEJA
A TEMPERANÇA
UMA CRIADA
UM ASPIRANTE DA MARINHA
A ÉPOCA
O HIGH-LIFE
UMA MULATA
PEKY
A IRA
A CARIDADE
UMA PRETA
A SEMANA
A PREGUIÇA
A CASTIDADE
A HUMILDADE
O BARÃO DO MACUCO
FRITZMAC, *alquimista*
UM CREDOR
O CLUBE DOS FENIANOS
O ENTRUDO
O PADRE-SOLDADO
TIRO-E-QUEDA, *capoeira*
UM CONVIDADO
UM JORNALISTA
A GULA
UM SOLDADO DE POLÍCIA
O CHEFE DOS COELHOS
UM LICURGO
SEU ZÉ DO BECO
FONSECA-TCHING
ANTÔNIO JOSÉ (personagem invisível)
OUTRO JORNALISTA
O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS
O CARNAVAL
O PROJETO E A LEI
O VISCONDE, *que dá o baile*
UM ARTISTA
UM DILETANTE
ANTUNES
O COMENDADOR VILA ISABEL
OUTRO CONVIDADO
UM ENGENHEIRO
O CLUBE DOS PROGRESSISTAS DA CIDADE NOVA
TRIPAS AO SOL, *desordeiro*

OUTRO CONVIDADO
TSING-TSING-SODRÉ
O GALO
UM VENDEDOR DE CANIVETES
OUTRO CONVIDADO
OUTRO JORNALISTA
UM CAIXEIRO
O TIGRE
OUTRO VENDEDOR DE CANIVETES
OUTRO CONVIDADO
OUTRO JORNALISTA
UM EX-ATOR
UM PADRE
O JACARÉ
UM HOMEM
OUTRO VENDEDOR DE CANIVETES
UM PRETO
UM CRIADO
UM MEDROSO
O LEÃO
OUTRO HOMEM
OUTRO PRETO
O DOUTOR GAZÉTA
OUTRO ENGENHEIRO
A ONÇA
O CONSELHEIRO JACÓ
SERAPIÃO
OUTRO CONVIDADO
UM ESGRIMISTA
OUTRO JORNALISTA
OUTRO LICURGO
UM ITALIANO
UM EMPRESÁRIO LÍRICO
UM DIPLOMATA

Pessoas do povo, peixes, coelhos, flores, mendigos, vagabundos, convidados, jornalistas, artistas líricos, soldados, etc.

Nesta Edição não se fizeram as alterações exigidas pelo Conservatório Dramático, pela Polícia e pelas inconveniências de cena.

PRÓLOGO

Quadros 1, 2 e 3

Laboratório sombrio e diabólico. Ao levantar o pano, o velho Fritzmac está ocupado nalgum trabalho de alquimia. Ao ver o público, ergue-se, aplica bem a vista, deixa o que está fazendo e vem ao proscênio. Música em surdina na orquestra desde o levantar do pano até a entrada de Pero Botelho.

CENA I

FRITZMAC, *depois* PERO BOTELHO

[FRITZMAC] -

Meus senhores, eu sou Fritzmac, o alquimista:
A falta de outro artista,
O prólogo farei da pândega revista.
Desgostoso da terra,
Onde sofri dos homens dura guerra,
Ao serviço me pus
Do bom Pero Botelho,
Diabo assaz conhecido,
Bon vivant, divertido,
Que bons cobres me dá, me trata por meu velho,
No conceito me tem do rei dos nigromantes,
E em breve - ele é que o diz - vai dar-me uma grã-cruz,
De ouro de lei, rodeada de brilhantes!
Um presente de truz!

(Pequena pausa.)

Do Botelho citado,
Um capricho engraçado
Vai ser, senhores meus, o ponto de partida
Da frívola comédia a que ides assistir.
Quando a revista, por desenxabida,
Vos obrigue a dormir...

(Acelera-se o movimento da música.)

Mas que ouço!! A concluir sou forçado de chofre!
Vem barulho do chão... sinto cheiro de enxofre!

(Endireitando aqui e ali algum objeto.)

É o patrão!
Atenção!
Vai abrir-se o alçapão!
Verão!

(Música forte. Pero Botelho surge do alçapão, acompanhado de labaredas. Cessa a música.)

PERO BOTELHO - Não te enganes, Fritzmac, sou eu. *(Consultando o relógio.)* Meia-noite: é a minha hora, meu velho. Não sou desses demônios de hoje, que se enfaram de modernismo, e desdenham os costumes dos nossos avós. É justamente por isso que te procuro, amigo.

FRITZMAC - Amigo, diz Vossa Alteza muito bem, porque nós, os homens da ciência, nada mais somos do que espíritos rebeldes, que se voltavam, como vós outros, contra as imposições de Deus. *(Pero Botelho pula e estremece.)* Desculpe... sempre me esqueço de que não devo pronunciar o nome deste sujeito em presença de Vossa Alteza. *(Vai buscar um banco e oferece-o a Pero Botelho.)* Deixe lá falar o velho Doutor Fausto, sábio carola e freguês de missas: a ciência é e sempre foi inimiga da Bíblia. Sente-se Vossa Alteza.

PERO BOTELHO *(Sentando-se.)* - A prova ai está em Galileu, que pregou uma boa peça a Josué, e em Franklin, que desmoralizou o raio... Mas tratemos do objeto que aqui me trouxe.

FRITZMAC - Sou todo ouvidos.

PERO BOTELHO - Há bastante tempo vivo preocupado com a capital de um vasto império americano, que tem sabido resistir à minha influência.

FRITZMAC - Vossa Alteza graceja.

PERO BOTELHO - Não, meu velho. A capital de que te falo é o meu desespero. Conheces perfeitamente o nosso esplêndido sucesso sobre o antigo mundo pagão. Babilônia excedeu à nossa expectativa. Sodoma e Gomorra foram duas tetéias. Nínive, aquilo que tu sabes. O Egito foi nosso de uma ponta a outra! Depois Roma... Ah! Roma! Roma!... Tão cedo não apanhamos outro Nero, nem outro Calígula... Aquilo é que era ouro de lei! Estendemos depois o nosso domínio por toda a Europa... Paris, Londres, Berlim, Viena, São Petersburgo, Madri, todas as capitais, enfim, de certa ordem, foram a pouco e pouco cedendo à nossa influência. Conseguimos plantar o nosso reinado em todas elas! Mas, meu velho, a América... *(Abana a cabeça.)*

FRITZMAC - A América não se tem explicado.

PERO BOTELHO - É o termo. Ainda lá para o Norte não temos ido de todo mal. New York promete, isso promete. Mas o Brasil...

FRITZMAC - O Brasil? Conheço. Um vasto território ocupado pelos portugueses.

PERO BOTELHO - Isso é história antiga. O Brasil tornou-se independente há sessenta e tantos anos. E o Rio de Janeiro, a capital desse vasto império, é o meu cavalo negro.

FRITZMAC - Deveras?

PERO BOTELHO - Imagina que não tem mordido nem a pontinha da isca que lhe atiro com tanta insistência!

FRITZMAC - É incrível!

PERO BOTELHO - Despejei no Rio de Janeiro todos os elementos corrosivos que pude apanhar na Europa. Debalde! A tal cidadezinha resiste, e tem se conservado...

FRITZMAC - Pura? Pois é possível que haja ainda no mundo uma cidade pura?

PERO BOTELHO - Pura, pura, não digo que o seja. Não exageremos. Mas está tão longe da perfeição européia,

como da China. Um ou outro pândego paga-me sobejamente o seu dízimo: mas não calculas que ingenuidade! que *sancta simplicitas!* Amam ainda e choram legítimas lágrimas. Há dedicação, há o que a moral chama bons exemplos; filhos modelos, mães extremosíssimas, quase santas, amigos desinteressados, e, parece incrível! há brio, há caráter, há honra!... Há lá quem dê a alma ao céu por uma questão de pundonor!... Para encurtar razões: já houve quem dissesse que a caridade se naturalizou fluminense!

FRITZMAC - É com efeito uma capital *sui generis.*

PERO BOTELHO *(Erguendo-se, com resolução.)* - Pois bem, estou resolvido a ocupar-me seriamente com aquilo, a nivelar o mundo. Não tolero semelhante exceção... E como estou convencido de que só com o auxilio da ciência poderei realizar o meu plano de combate, venho ter contigo, meu velho, que és o meu sábio. Serve-me, e ainda mais depressa apanharás aquilo que te prometi.

FRITZMAC - Já sei: a tetéia. Estou às ordens de Vossa Alteza.

BEBO BOTELHO - Quero que reduzas a um indivíduo só, os sete pecados mortais. Compreendes que é muito mais prático e mais cômodo enviar uma só criatura ao mundo, em vez de mandar para lá sete tipos que se prejudicariam uns aos outros, e acabariam por neutralizar mutuamente o que fizessem.

FRITZMAC *(Que tem estado a pensar, coçando a cabeça.)* - É... o plano não é mau...

PERO BOTELHO - E é exeqüível?

FRITZMAC - Homem, Alteza, para falar francamente, não posso afiançar a exeqüibilidade do plano. Até hoje tenho feito apenas algumas transmissões da alma de um corpo para outro, eletrizado diversos cadáveres e dado vida a meia dúzia de seres inanimados. Mas isto de reunir num só corpo nada menos de sete espíritos, e que espíritos!

PERO BOTELHO - Recuas?

FRITZMAC - É muito fácil com dois indivíduos fazer sete... Para isso nem é necessário a ciência... Mas de sete fazer um... Enfim, nada se perde por tentar.

BEBO BOTELHO - Bravo! E quando tencionas dar começo ao teu trabalho?

FRITZMAC - Imediatamente.

BEBO BOTELHO - Nesse caso, mãos à obra! Vou invocar os sete pecados mortais!

Canto

Eu ordeno com modo arrogante,
E para isso não prego editais,
Que apareçam aqui neste instante
Os meus sete pecados mortais!

(Abre-se o fundo, deixando ver uma pequena gruta de fogo. Os sete pecados mortais estão alinhados e em linha descem ao proscênio. Fecha-se o fundo.)

CENA II

FRITZMAC, PERO BOTELHO, *os* SETE PECADOS MORTAIS

CORO DOS PECADOS MORTAIS

- Pero Botelho, ó grande Alteza,
Cá estamos nós!
Obedecemos com presteza
À tua voz,
Rival de Belzebu,
Que queres tu!

(Continua a música em surdina na orquestra.)

PERO BOTELHO - Aí tens os sete pecados mortais, Fritzmac. São sete raparigas de se lhes tirar o chapéu.

FRITZMAC - Estão bem dispostas, estão... principalmente aquela... *(Aponta para a Gula.)*

PERO BOTELHO - Já as conhecias?

FRITZMAC - Apenas de tradição.

PERO BOTELHO - Meninas, apresentem-se ao Doutor Fritzmac. *(À Avareza.)* Rompa você a marcha. *(Os Pecados executam um pequeno movimento, e vão passando pela frente de Fritzmac sucessivamente, á medida que se apresentam.)*

A AVAREZA -

- Sou a Avareza sórdida,
Que a força deletéria
Do pranto e da miséria
Desenvolvendo vai;
Para os males do próximo
Apática não olho,
Porque tudo aferrolho
Que nestas unhas cai.

FRITZMAC - Faz muito bem. Quem para adiante não olha atrás fica.

A LUXÚRIA -

- Eis a luxúria, eis o pecado
Que mais desgraças tem causado,
E eternamente as causará!
Enquanto, ao pé do masculino,
No mundo houver o feminino,
O meu domínio durará.

FRITZMAC - Também não sei por que fizeram disto um pecado...

A INVEJA -

- Eu sou a vesga inveja; invejo a toda a gente;
Eu mordo-me, a chocar esta paixão ruim;
Quando, por invejar, eu me sinto contente,
Invejo a própria Inveja, invejando-me a mim.

FRITZMAC - Bom; esta tem muito em que se ocupar...

A GULA -

- A Gula sou; sou, e não vejo
Em que um pecado possa .....

FRITZMAC - Nem eu.

A GULA -

- Não alimento outro desejo
Senão comer, comer, comer...

FRITZMAC - Este diabo abriu-me o apetite!

A IRA *(Que faz fugir Fritzmac.) -*

- Sumam-se! raspem-se,
Que eu sou a Ira!
Tudo me inspira
Raiva e furor!
Morro de cólera
Se não espanco,
Se não desanco
Seja quem for!

FRITZMAC - Vá desancar o boi! *(A Soberba passa sem dizer nada.)* Então a menina não solta a sua piada? Quem é?

A SOBERBA - Não tenho que lhe dar satisfações! *(Passa.)*

FRITZMAC - Safa! é malcriada, é.

PERO BOTELHO - Pudera! é a Soberba...

FRITZMAC - Ah! *(Vendo passar a Preguiça.)* E esta, que mal se arrasta?

A PREGUIÇA *(Com voz muito descansada.)*

- Eu sou a Preguiça; não há neste mundo
Coisinha melhor do que o *dolce far niente.*
Eu vivo deitada de papo pra cima,
E tenho preguiça de tudo e por tudo.

FRITZMAC - Perdão, mas esses versos...

PERO BOTELHO - Não rimam: ela teve preguiça de rimá-los. Bem, meninas, entretenham-se a ver esses bibelôs da nigromancia. *(Os Pecados formam grupos ao fundo, examinando uma coisa ou outra. Pero Botelho vai ter com Fritzmac.)* Anda, trata de me reduzir sete raparigas a um rapaz bem sacudido e esperto.

FRITZMAC - Um rapaz? Aí é que Vossa Alteza está na tinta.

PERO BOTELHO - Como assim?

FRITZMAC - Pois eu posso lá fazer um homem de sete mulheres!

PERO BOTELHO - Por quê?

FRITZMAC - Falta muita coisa. Não posso dispor de certos elementos dos quais nenhuma destas senhoras dispõe... a barba, por exemplo.

PERO BOTELHO - Pois arranja uma mulher, com um milhão de raios! Pode ser até que lucremos com a troca! Uma mulher vale por vinte homens, e o que ela não alcançar, nem eu mesmo conseguirei! Que seria de mim se não fosse a mulher?

FRITZMAC - Bom, comecemos o serviço. Vou metê-las todas naquela caldeira, que foi um presente de Vossa Alteza, e que tem sempre fogo.

PERO BOTELHO - Ah, sim! a caldeira de Pero Botelho; mas provavelmente resistem.

FRITZMAC - Resistem? Boas! E o hipnotismo?! *(Pero Botelho mostra pela cara que não sabe o que é.)* Uma ciência moderna. *(Vai buscar uma escada de mão, que encosta a uma cadeira, ligada a uma retorta. Depois vai aos Pecados, faz alguns passes magnéticos e as raparigas ficam imóveis.)* Vê Vossa Alteza? Estão prontas a obedecer à minha vontade!

Canto

[FRITZMAC] -

- Vamos lá, senhoras minhas.
Sem fazer oposição;
Entrem todas direitinhas
Para aquele caldeirão!

PERO BOTELHO -

- A fazer um simples gesto,
Tudo alcança um sabichão!
As pequenas, sem protesto,
Vão entrar no caldeirão!

OS PECADOS -

- Que diabólica artimanha!
Que esquisita sensação!
Sinto que uma força estranha
Vai me pôr no caldeirão!

Juntos

FRITZMAC - Vamos lá! senhoras minhas! etc.

PERO BOTELHO - A fazer um simples gesto, etc.

Os PECADOS - Que diabólica artimanha! etc.

(Continua a música na orquestra. Fritzmac, sempre a fazer passes magnéticos, obriga os Pecados a entrarem para a caldeira. Eles o fazem a contra gosto. A Preguiça é a última.)

PERO BOTELHO - Agora me lembra. Essa não é lá precisa. No Rio de Janeiro o que não falta é preguiça.

FRITZMAC - Deixe-a ir... agora é maçada desipnotizá-la. *Quoci abundat non nocet. (Empurrando a Preguiça.)* Vamos! vamos! mova-se! ... *(Estão todos os Pecados no caldeirão.)*

CENA III

FRITZMAC, PERO BOTELHO

PERO BOTELHO - És um homem extraordinário!...

FRITZMAC - Ponha de quarentena os seus elogios, Alteza: quem sabe se, com tudo isto, nada mais consigo do que fazer um enorme ensopado?

PERO BOTELHO - Não me digas.

FRITZMAC *(Trepa na escada, debruça-se sobre a caldeira, e começa a mexê-la com uma enorme colher de pau.)* - Oh! oh! como a gorducha esperneia! Só o caldo que aquilo dá! A Ira como esbraveja! A Preguiça ainda está viva... tem preguiça até de morrer!

PERO BOTELHO - Que vais fazer dessa sopa?

FRITZMAC - Esta sopa, quando estiver completamente líquida, passará por essa retorta, e irá depositar-se naquele reservatório. Dali é que há de sair a mulherzinha.

PERO BOTELHO - E quanto tempo isso dura?

FRITZMAC - Uns cinco meses talvez.

PERO BOTELHO - Julguei que a coisa fosse mais rápida. Tenho lá paciência para esperar tanto tempo!

FRITZMAC - Oh! Alteza! o fogo, por mais forte que seja, não terá mais de três mil graus de calor especifico.

PERO BOTELHO - No mundo, sim, mas no Inferno tenho fogo superior a trinta mil graus!

FRITZMAC - Ah! com esse fogo tudo se arranjava em alguns minutos.

PERO BOTELHO - Pois espera, vou, aplicar o fogo do inferno ao fundo da caldeira. *(Solta um assovio e formam-se grandes chamas vivas debaixo da caldeira.)*

FRITZMAC *(Subindo á escada.)* - Xi! Fogo viste lingüiça! Nem sinal de osso existe já! Foi mais rápido que um raio! A sopa escorreu toda!

PERO BOTELHO - Quando teremos a nova criatura?

FRITZMAC - Não se demora muito. Só o tempo necessário para que o caldo passe pelos canais competentes, distribua as respectivas moléculas e esfrie de todo.

PERO BOTELHO - Bom!

FRITZMAC *(Que tem ido examinar o aparelho.)* - Vai muito bem; não temos que esperar mais do que alguns minutos. *(Apalpa o reservatório.)* Está quase frio. Não tarda aí!

PERO BOTELHO - Deve ser completa essa mulher! Um ente feito da infusão de todos os meus pecados! *(Ameaçando.)* Ah, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro! agora juro que não zombarás do poder do Diabo! Hás de pertencer-me!

FRITZMAC *(Destapado o reservatório.)* - Pronto! *(Forte na orquestra. Sai uma mulher. Pero Botelho e Fritzmac dão-lhe a mão para descer.)*

CENA IV

FRITZMAC, PERO BOTELHO, *a* MULHER

PERO BOTELHO *(A Fritzmac.)* - Como é linda e como estou contente! Amanhã terás a grã-cruz, meu velho!

FRITZMAC - Que perfeição de mulher!

Canto

A MULHER -

- Quem sou?
Em que lugar estou? *(Como se lembrando.)*
Ah!
Tudo me lembra já!

Tango

Sinto todos os pecados
Dentro de mim;
Inda não houve no mundo
Mulher assim!
Sou avarenta,
Sou preguiçosa,
Sou rabugenta,
Sou invejosa,
Irosa,
Gulosa,
Vaidosa.
Uma mulher completa enfim!

FRITZMAC -

- Ai, meu amor, como és bonita!
Estão meus olhos cativados!

PERO BOTELHO -

- O peito meu de amor palpita!
És realmente os meus pecados!

OS TRÊS -

- Sou avarenta, etc.
É avarenta.

PERO BOTELHO - Bom, acompanha-me. Vou confiar-te uma missão delicada. Mas agora me lembro: é preciso batizar esta pequena. Ela não há de ter sete nomes.

FRITZMAC - Fui eu que a fiz. Nada mais justo que ter o nome do pai.

PERO BOTELHO - Apoiado: chamar-te-ás Fritzmac. Madame ou Mademoiselle Fritzmac, à vontade. Vamos! Adeus! *(Mesura de Fritzmac.)*

A MULHER - Vamos! *(Sai, levada por Pero Botelho.)*

FRITZMAC *(Indo. gritar ao bastidor.)* - Não vá Vossa Alteza esquecer-se da tetéia!

CENA V

FRITZMAC, *só*

[FRITZMAC] - Uma grã-cruz! uma grã-cruz! Isto era caso para um viscondado, pelo menos! Mas não é que o tal serviçozinho prostrou-me? *(Boceja.)* Tenho sono... vou me deitar... e com a consciência de não haver perdido o meu dia. *(Sai.)*

CENA VI

O AMOR [só]

Depois que Fritzmac se retira, a cena fica só, por alguns momentos. Há um forte na orquestra, um armário transforma-se numa gruta florida, e sai de dentro desta o Amor. Continua a música.

[O AMOR] -

- Ao ver surgir esta figura,
Que há tantos séc'los a pintura
Vulgarizou,
O espectador menos esperto
De si pra si logo decerto
Disse quem sou.
Mas, pelo todo, me parece
Que esta figura não conhece
Ali o senhor...

(Aponta para um espectador qualquer.)

Se bem que o caso seja raro,
Eu, pelas dúvidas, declaro
Que sou o Amor.
Já percorri bem mau caminho,
Já fui feroz, já fui daninho,
Já fui fatal;
Mas hoje em dia só patetas
Podem temer que as minhas setas

Lhes façam mal.
Não é, por Vênus! a vontade
De atormentar a humanidade
Que aqui me traz:
Venho, contente e petulante,
Desempenhar uma importante
Missão de paz.
(Dirigindo-se para o fundo.)
Vinde, olá! virtudes magas!
Preciso do auxílio vosso!

(Ao público.)

Ides ver que eu também posso
Invocar nas horas vagas...

(Música. Abre-se o fundo, e aparece um templo de ouro e luz. As sete virtudes opostas aos sete pecados mortais aparecem abraçadas, e abraçadas descem ao proscênio, onde se desentrelaçam.)

CENA VII

O AMOR, *as* SETE VIRTUDES, *depois* AMOROSA

CORO DAS VIRTUDES -

- Aqui estão, muito bem postas,
Aqui estão, sem mais nem mais,
As virtudes opostas
Aos pecados mortais.

PRIMEIRA VIRTUDE - Eu sou a Caridade.

SEGUNDA VIRTUDE - Eu sou a Castidade.

TERCEIRA VIRTUDE - Eu sou a Humanidade.

QUARTA VIRTUDE - A Liberalidade.

QUINTA VIRTUDE - A Temperança.

SEXTA VIRTUDE - A Paciência.

SÉTIMA VIRTUDE -

- E a Diligência,
Que não descansa!
Se me encarrego
De uma incumbência,
Aquilo é zás!
Trás!
Nó cego!

TODAS

- Zás!
Trás!
Nó cego!

A DILIGENCIA - Vamos! vamos, Amor! que desejas? para que nos invocaste? Dize! dize depressa, que não há tempo a perder!

A PACIÊNCIA - Para que tanta pressa? Temos multo tempo. Quem corre cansa.

A LIBERALIDADE - Cala-te, Paciência, já começas! Dize o que desejas, Amor.

O AMOR - Serei breve. Trabalha neste laboratório um mágico, doutor ou coisa que o valha chamado Fritzmac, que se acha ao serviço de Pero Botelho.

TODAS *(Benzendo-se.)* - Credo!

O AMOR - Pero Botelho quis enviar ao Rio de Janeiro os sete pecados mortais; não é preciso que eu vos diga com que intenções. Receando que sete criaturas não dessem boa conta do recado, porque se estorvariam mutuamente, incumbiu Fritzmac de reduzir as sete a uma só, por meio de misteriosos processos de alquimia. Pois bem: eu, o Amor, desejo opor um poder a esse poder... desejo extrair das virtudes opostas aos sete pecados mortais uma criatura que faça guerra à outra e lhe inutilize os planos. Para isso, valho-me do próprio laboratório do diabo, e não empregarei, como ele, o fogo do céu, mas o do amor, pois, como sabeis, o amor tem fogo.

A CASTIDADE - Oh! *(Tapa a cara.)*

O AMOR - Perdoa, Castidade. *(Beija-lhe* a *mão.)*

A LIBERALIDADE - Se for preciso fazer alguma despesa, cá estou eu.

O AMOR - Não, formosa Liberalidade: o Amor tudo arranja de graça. Muito obrigado. *(Beija a mão á Liberalidade.)*

A CARIDADE - Estamos prontas para quanto quiseres.

A PACIÊNCIA - E pelo tempo que entenderes.

O AMOR - Ah, ah! Fritzmac, vais ver que o Amor é mais feiticeiro que tu!

Canto

Mas agora reparo: trazeis flores...
Muito bem!
O vosso contingente, meus amores,
A propósito vem.

Rondó

Doce Humildade, na caldeira lança
Essas gentis violetas belas
Dá-me essas rosas, Temperança;
Perdoa se te obrigo a desfazer-te delas.
Lá dentro atira, Liberalidade,
Os teus esplêndidos lilases,
E tu, desfaz-te, ó Caridade,
Do amor perfeito, a flor que no teu seio trazes,
Essa camélia, ó cândida Paciência,
Lá da caldeira põe no fundo;
Dê-me o seu cravo a Diligência,
E dê-me a Castidade um lírio pudibundo.

(As Virtudes obedecem á proporção que canta o Amor Todas as flores têm passado para a caldeira.)

A DILIGENCIA - Vais água-flórida fazer?

O AMOR - Vão ver! vão ver! ...

(Bate com a seta na caldeira, e esta desaparece, deixando ver Amorosa.)

TODAS - Oh!

O AMOR - Filha do Amor e das Virtudes; chamar-te-ás Amorosa. Vem comigo... vou dar-te as minhas instruções. Urge sair deste lugar maldito. Minhas filhas, vamos!

TODAS - Vamos!...

CORO GERAL -

- Oh, que linda e bela fada
Engendrou este fedelho!
Ai, que peça bem pregada
Ao Senhor Pero Botelho!
(Saem correndo.)

[(Cai o pano.)]

ATO PRIMEIRO

Quadro 4

O Largo da Lapa. Juntos a uma casa, um cabide na parede, uma esteira no chão, um baú, uma vela espetada no gargalo de uma garrafa; sobre uma cama de ferro, o Credor fuma tranqüilamente e lê um jornal. Muitas pessoas do povo o rodeiam com curiosidade.

CENA I

O CREDOR, PRIMEIRO *e* SEGUNDO CURIOSOS, PESSOAS

DO POVO, *depois um* POLÍCIA

CORO -

- Oh, que coisa esquisita!
Estaremos no mundo da lua?!
O riso nos excita

Ver um tipo morando na rua!
Ah! ah! ah! ah! ah! ah!
Esta agora não é má!

O CREDOR -

- Paguei na Rua do Lavradio
Por mês de casa trinta mil réis;
Mas hoje o belo do senhorio
Não me incomoda por aluguéis,
Porém
Eu não lhe exijo reparações,
Pois tem
Tudo na vida compensações.

CORO - Oh, que coisa esquisita! etc.

O CREDOR - Riam-se! Estou perfeitamente aqui! A casa não pode ser mais ventilada.

PRIMEIRO CURIOSO - Mas diga-nos, por que está o senhor aí deitado?

O CREDOR - É muito simples: tenho um devedor que mora aí defronte, e não há meio de apanhar-lhe vintém. Como o tenho procurado um ror de vezes, sem nunca o encontrar em casa, resolvi estabelecer aqui o meu domicílio. Desafio-o a que me escape!

PRIMEIRO CURIOSO - E se o homem pagar?

O CREDOR - Se pagar, mudarei de residência. Morarei defronte de outro devedor. Irei para a Rua do Carmo. É um meio de cobrar dívidas e morar de graça.

SEGUNDO CURIOSO - Que caradura!

O CREDOR - Eh! lá! não insulte um homem que está em sua casa. Trouxe a minha cama, o meu cabide, o meu baú de roupa e uma vela, para ler um pouco antes de dormir. Com este gás, não há meio de enxergar as letras.

PRIMEIRO CURIOSO - E se chover?

O CREDOR - Já encomendei um toldo. O tempo está seguro. Espero que não chova antes que ele fique pronto.

SEGUNDO CURIOSO - Mas isto é proibido!

O CREDOR - Proibido? Mostre-me a lei que proíbe ao cidadão viver e dormir na praça pública. Na praça pública o que não se pode é fazer discursos políticos, isso sim. Mas dormir? Ora viva, meu amigo!

SEGUNDO CURIOSO - A polícia catrafila quem não tem domicilio certo.

O CREDOR - Mas eu tenho-o, que diabo! É este... Largo da Lapa, casa sem número, nem portas, nem janelas, nem teto, nem telhado, nem senhorio. Uma casa que não precisa de clarabóia.

SEGUNDO CURIOSO - Isto nunca se viu! *(Entra um polícia.)*

O CREDOR - Viu-se em Atenas. Havia lá um Fulano Diógenes, que passava a vidinha na rua, dentro de uma pipa. Ele trazia uma lanterna; eu trago um recibo. Ele andava à procura de um homem; eu também, para ver se apanho o meu dinheiro. Somos ambos filósofos.

O POLÍCIA - Levante-se, retire-se, ao contrário vai para o xadrez.

PRIMEIRO CURIOSO - Onde também não pagará aluguel.

TODOS - Apoiado! Fora! Fora dai! É um abuso! etc. *(Obrigam o Credor a levantar-se no meio de grande algazarra.)*

O CREDOR - Não há liberdade neste país! Não pode um homem estar a gosto em sua casa!...

TODOS - Fora! fora!...

O CREDOR - Aos cães concede-se tudo... Podem dormir na rua... podem até fazer alguma coisa mais... e eu não tenho o direito de...

O POLÍCIA - Sabe que mais? Venha explicar-se na Estação.

O CREDOR - E a minha mobília?

TODOS - Vá! Vá! Nós levamos tudo isto! *(Cada um toma um dos objetos, e saem todos, fazendo grande algazarra.)* Vamos à Estação! Vamos! etc.

CENA II

ANTUNES, *o* BARÃO DO MACUCO, *entrando cada um do seu lado*

O BARÃO - Não me engano... é seu Antunes!

ANTUNES - O Barão do Macuco! Não sabia que estivesse na Corte!

O BARÃO - Há quinze dias. Estou hospedado ali no Freitas Hotel.

ANTUNES - Ah, sei... abriu-se há pouco tempo. É um belo edifício. Embirro é com o nome: por que Freitas Hotel e não Hotel Freitas?

O BARÃO - Freitas Hotel entra melhor no ouvido. Nisto de nomes, um pouco de estrangeirice não faz mal. Nós temos, por exemplo, o Hotel do Caboclo (que é onde eu me hospedava antes de ser Barão); não era melhor Caboclo Hotel?

ANTUNES - Ah, sim... Caboclotel... caboclotel... Até parece inglês. Pois, Senhor Barão, encontra-me muito aborrecido da vida.

O BARÃO - Por que, homem de Deus?

ANTUNES - Imagine que eu tinha (tinha e tenho) um bilhete inteiro da tal grande loteria de Pernambuco.

O BARÃO - Saiu branco. Console-se comigo, que tinha (tinha e já não tenho) não um, mas três bilhetes, e foram sessenta mil réis deitados fora.

ANTUNES *(Num tom de profunda tristeza.)* - Pois eu tirei dois contos...

O BARÃO - Dois contos?! E é por isso que está aborrecido da vida?

ANTUNES - Naturalmente. Aborrecido, primeiro, por não ter apanhado a sorte grande. De que servem dois contos? Eu posso lá endireitar a vida com dois contos? E segundo, porque li nos jornais que só em Pernambuco se pagam os prêmios.

O BARÃO - Mas ora essa! Desconte o bilhete em qualquer quiosque, ou arranje um saque para Pernambuco.

ANTUNES - Se eu descontar o bilhete, tenho que perder alguma coisa, e a mim convinha-me receber os dois contos intactos. *(zangado.)* Maldita a hora em que me lembrei de comprar semelhante bilhete! Se eu adivinhasse que me havia de dar tanta maçada...

O BARÃO - Bom! Não vá agora suicidar-se por ter abiscoitado dois contos de réis na loteria!

ANTUNES - Oh, o Barão foi feliz! Os seus bilhetes saíram brancos... Invejo-o.

O BARÃO *(Comovido.)* - Pois olhe, foi contra a minha vontade. *(Abraçando-o.)* Coitado! pobre amigo! ganhou dois contos de réis, e só pode recebê-los em Pernambuco. Que desgraça!

ANTUNES - É mesmo muito caiporismo.

O BARÃO - Tenha paciência. Não viemos a este mundo senão para sofrer. Olhe, aqui onde me vê, não passei pelo transe de tirar dois contos na loteria, mas tirei-me dos meus cuidados, fui ao Eldorado, e não há meio de sair de lá todas as noites. Veja se não é também uma desgraça. Vim passar cinco ou seis dias na Corte, já lá se vão quinze... a Baronesa todos os dias chama por mim... e não há meio de arrancar-me do Baco do Império. *(Vendo passar Mademoiseile Fritzmac.)* Ui! que tetéia! *(Dirige-se a ela.)*

ANTUNES *(À parte.)* - É o mesmo homem: em vendo rabo-de-saia...

CENA III

ANTUNES, *o* BARÃO, MADEMOISELLE FRITZMAC, *depois* AMOROSA

O BARÃO - Minha senhora, quer um criado para carregar esse embrulhinho?

MADEMOISELLE FRITZMAC - Obrigada. Não aceito obséquios de pessoas que não conheço.

O BARÃO - A senhora diz isso porque não me conhece.

MADEMOISELLE FRITZMAC - Monsieur de La Palisse faria a mesma observação. Com quem tenho a honra de falar?

ANTUNES (Aproximando-se.) - Com o Barão do Macuco, um dos primeiros políticos da província do Rio.

O BARÃO - E este é o meu amigo Antunes, que acaba de passar pelo doloroso transe de tirar dois contos de réis na loteria... quando podia tirar cinqüenta.

ANTUNES - Ou não tirar coisa alguma.

MADEMOISELLE FRITZMAC *(À parte.)* - O Barão do Macuco! É o homem que me convém...

O BARÃO - E agora posso saber quem é a formosa dama com quem tenho a honra de falar?

MADEMOISELLE FRITZMAC - Pois não!

Valsa

Eu sou solteira,
E independente,
Vivo contente,
A viajar;
Corro, percorro
Todo esse mundo

Vasto e profundo
Sem descansar.
Amo os prazeres,
E pelo vinho
Tenho um gostinho
Particular.
Apraz-me um tipo
Que me acompanhe
Quando o *champagne*
Possa pagar.
Pátria não tenho,
Não tenho afeto,
Não tenho lar.
Eu sou formosa
Cosmopolita,
Que necessita
Rir e folgar!
Ah!
Eu sou solteira, etc.

O BARÃO - Bravo! bravo! admirável!...

ANTUNES *(À parte.)* - Está caído!

AMOROSA *(Que durante o canto apareceu, e observou sem ser vista, â parte.)* - Vai seduzi-lo, mas eu o defenderei! *(Sai.)*

O BARÃO - A madama canta muito bem. Canta muito bem, e entoa. É do Eldorado?

MADEMOISELLE FRITZMAC - Não, mas talvez me contrate lá.

O BARÃO - E é indiscrição perguntar onde mora?

MADEMOISELLE FRITZMAC - Barão caiu-me em graça: não será nunca indiscreto. Moro ali pertinho, no próprio Beco do Império.

O BARÃO - Somos vizinhos, a madame, o Eldorado e eu. Estou ali no Freitas. *(São interrompidos por um Medroso, que entra a correr e esbarra em Antunes.)*

CENA IV

O BARÃO, ANTUNES, MADEMOISELLE FRITZMAC, *o* MEDROSO, *depois um* PADRE, *Povo*

ANTUNES - Eh! olá! Não enxerga?

O MEDROSO *(Esfalfado.)* Ah!... desculpe... É que... Parece que eles ficaram longe... Vim a correr... desde... o Campo de Santana.

O BARÃO - A correr de quê?

O MEDROSO - Dois malfeitores, armado cada um com uma faca deste tamanho!

MADEMOISELLE FRITZMAC *(Contente.) -* Ah! *(Interessada e sorrindo.)* Mataram alguém?

O MEDROSO - Mataram uma porção de gente... e, afinal, não tendo mais a quem matar, esfaquearam um burro de bonde! *(Sai correndo.)*

O BARÃO - Um burro?! Já não estou bem aqui!

ANTUNES - Há perigo.

MADEMOISELLE FRITZMAC - Nesse caso, venham cá para casa. Almoçam ambos comigo.

ANTUNES - Eu não, que não dispenso o meu almoçozinho de quatrocentos réis no Democrata. Até sempre, Barão. Minha senhora...

O BARÃO - Adeus, seu Antunes, apareça. *(Saem todos. Entra o Padre, com uma tocha quebrada na mão, perseguido pelo povo.)*

O PADRE - Deixem-me! deixem-me!.

(O povo persegue-o, dando uma volta pelo palco, e cantando.)

CORO -

- Este padre está demente!...
Doido varrido ficou!
Aqui escandalosamente
O padre, o padre pintou!
Fiau!
Fiau!
Deu-nos de tocha! Que sistema novo
De edificar o povo!

(Sai o Padre, perseguido pelo coro. Mutação.)

Quadro 5

Sala rica em casa de Mademoiselle Fritzmac.

CENA I

MADEMOISELLE FRITZMAC, *o* BARÃO, *depois uma* CRIADA

(O Barão almoçou bem; traz o colete desabotoado, palita os dentes, e está ligeiramente perturbado pelo vinho.)

O BARÃO - Sim, senhor! Tratou-me à vela de libra! *(À parte.)* Nunca vi uma mulher comer tanto!

MADEMOISELLE FRITZMAC - Espere pelo resto.

O BARÃO - Gostei muito daquela... Como é mesmo o nome que você lhe deu?... Manarezi?

MADEMOISELLE FRITZMAC - Maionese.

O BARÃO - É isso. Eu aprecio também os quitutes franceses. Gosto tanto deles como de uma boa feijoada porca.

(A criada entra, trazendo uma bandeja com duas chávenas de café, uma garrafa de conhaque e dois cálices. Mademoiselle Fritzmac passa uma xícara ao Barão.)

MADEMOI5ELLE FRITZMAC - Veja se o seu café é melhor do que este!

O BARÃO - Meu café é do melhor, e de terra ferruginosa. Este ano a colheita será esplêndida, se não vier por aí alguma retirada de negros. Não me queixo dos abolicionistas: queixo-me dos meus colegas que facilitam muito. *(Acaba de tomar café, e Mademoiselle Fritzmac oferece-lhe um cálice de conhaque.)* Mais bebida? Enfim, vá lá! *(Depois de tomar o cálice de conhaque, repoltreia-se, palitando os dentes; ela tem tomado também o seu cálice, e apresenta uma cigarreira ao Barão, depois de acender um cigarro. A criada sai.)*

MADEMOI5ELLE FRITZMAC - Fuma?

O BARÃO - Eu só pito cachimbo. *(Boceja e espreguiça-se.)*

MADEMOISELLE FRITZMAC *(Sentando-se perto dele.)* - Sabe que estou simpatizando muito com você?...

O BARÃO - Qual, madama! Quem sou eu para acompanhar nosso pai fora de horas!...

MADEMOISELLE FRITZMAC - São destas coisas! A gente sabe lá por que fica embeiçada por um homem?... Às vezes um defeito, uma esquisitice, o que nos seduz... E você sabe: quem o feio ama bonito lhe parece.

A CRIADA *(Entrando.)* - Está aí o Clube dos Fenianos.

MADEMOISELLE FRITZMAC - O Clube dos Fenianos? Que pretende ele de mim? Fá-lo entrar. *(Ao Barão.)* Você dá licença! *(A criada sai.)*

O BARÃO - Ó menina, faça de conta que está em sua casa!...

CENA II

OS MESMOS, *o* CLUBE DOS FENIANOS, *depois o* CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS, *depois o* CLUBE DOS PROGRESSISTAS DA CIDADE NOVA

O CLUBE DOS FENIANOS *(Aparecendo á porta.)* - Dá licença, Mademoiselle Fritzmac?

MADEMOISELLE FRITZMAC - Entre, cavalheiro. *(Apresentando o Barão, que cumprimenta sem se levantar.)* O Barão do Macuco. *(Ao Barão.)* O Clube...

O CLUBE DOS FENIANOS - Eu mesmo me apresento.

Copla

O Clube eu sou dos Fenianos.
Outro melhor não pode haver;
Tenho vencido os demais anos,
E agora mesmo hei de vencer!
Proclamará por toda a parte
Da Fama a voz universal
Que só o meu carro de estandarte
Vale por todo um carnaval!
Não há, não há,
Nem haverá
Assim um clube, olá!...

(Dança cancã ao som dos últimos compassos. Durante o canto, o Barão dormita.)

MADEMOISELLE FRITZMAC - Queira sentar-se. *(Sentam-se ambos.)* A que devo a honra de sua visita?

O CLUBE DOS FENIANOS - Ao grande empenho de que a senhora faça parte do nosso préstito carnavalesco, este ano. Não se arrependerá. É um excelente anúncio para o seu gênero de negócio. Juro que seremos os primeiros em tudo: em grandeza, em luxo, em espírito, em bom gosto e...

MADEMOISELLE FRITZMAC - E em modéstia.

O CLUBE DOS FENIANOS - Peço-lhe ardentemente que não aceite convite de outro clube.

MADEMOISELLE FRITZMAC - Pode ser. Veremos.

O CLUBE DOS FENIANOS - O carnaval está a pingar; o tempo é curto e a senhora tem de preparar-se. A senhora é a mais rutilante estrela do nosso horizonte, e o Carnaval é a única moldura capaz de fazer sobressair a sua beleza!

Oh! venha! decida-se a vir conosco! Os Tenentes não saem este ano à rua.

MADEMOISELLE FRITZMAC - Ah! não saem? Há de ver que é a sociedade que se apresenta com mais espírito.

O CLUBE DOS FENIANOS - Não deixe que os Democráticos nos passem a perna!

MADEMOISELLE FRITZMAC - Pois sim, se me resolver...

O CLUBE DOS FENIANOS - É preciso que se note: não consentimos que a senhora faça a menor despesa; escolha a seu gosto uma fantasia, o carro que desejar, os cavalos que quiser, e nós marcharemos com os cobres! Aceita?

MADEMOISELLE FRITZMAC - Darei depois uma resposta definitiva.

A CRIADA *(Entrando.)* - Está aí o Clube dos Democráticos...

O CLUBE DOS FENIANOS *(À parte, levantando-se.)* - Ora bolas!

MADEMOISELLE FRITZMAC - Outro? Que entre!

O BARÃO *(Abrindo um olho.)* - Não me deixam ficar um instante só com ela!... *(Adormece de novo.)*

O CLUBE DOS FENIANOS - Encontra o beco tomado.

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS *(À parte.)* - Dá licença?

MADEMOISELLE FRITZMAC *(Levantando-se.)* - Pois não!

Copla

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS *(Entrando.)*

- O Clube eu sou dos Democráticos,
Vai o triunfo ser meu só!
Outro não há de mais espírito
Que se apresente mais liró!

Nem Progressistas, nem Políticos,
Nem Fenianos que sei eu!
Não são assim como eu tão pândegos,
Nem têm decerto o valor meu!
Não há, não há,
Nem haverá
Um clube assim, olá!... *(Dança.)*

MADEMOISELLE FRITZMAC - Vou apresentá-lo ao Barão...

(O Barão ronca.) Coitado! deixá-lo dormir! *(Vai apresentar os Democráticos aos Fenianos, mas eles medem-se com um olhar de desafio e voltam-se as costas.)* Bem, vejo que já se conhecem... *(Cada um dos Clubes dá um grande assovio.)* Sentemo-nos. *(Sentam-se.)*

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS - Minha senhora, vinha convidá-la para tomar parte no nosso préstito este ano... A senhora é indispensável!

MADEMOISELLE FRITZMAC - Este senhor acaba de fazer o mesmo pedido...

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS - E a senhora comprometeu-se?

MADEMOISELLE FRITZMAC - Não resolvi coisa alguma

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS - Nesse caso, decida-se por nós. Pagamos todas as despesas e damos-lhe ainda em cima trezentos mil réis.

O CLUBE DOS FENIANOS - E nós quinhentos...

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS - Seiscentos!

O CLUBE DOS FENIANOS - Oitocentos!

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS - Um conto de réis!

O CLUBE DOS FENIANOS *(Depois de hesitar.)* - Um conto e vinte e cinco mil réis! *(Olha vitorioso para o rival. À parte.)* Quero ver se cobre o lance!...

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS - Minha senhora, nós lhe faremos um a pensão mensal de duzentos mil réis durante toda a sua vida. Isso é mais seguro. Um conto e vinte e cinco mil réis gastam-se numa pândega, ao passo que a senhora terá aqueles cobrinhos certos no fim de cada mês...

O CLUBE DOS FENIANOS - Eu faço-lhe um patrimônio, minha senhora!

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS - Eu arranjo-lhe um dote!

O CLUBE DOS FENIANOS - Eu dou-lhe um noivo!

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS - E, eu dois!

A CRIADA *(Entrando.)* - Está aí o Clube dos Progressistas da Cidade Nova!

OS DOIS *(Levantando-se.)* - Hein?

MADEMOISELLE FRITZMAC *(Levantando-se.)* - Ainda? Manda-o entrar! Já agora farei coleção!

O BARÃO - Estou roubado!... *(Torna a adormecer e daí em diante ressona.)*

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS - Pois a senhora dá confiança àquele tipo?...

O CLUBE DOS FENIANOS - Até a Cidade Nova!...

O CLUBE DOS PROGRESSISTAS DA CIDADE NOVA *(Entrando.)* - Dá licença, minha senhora? Oh! os colegas por cá?... Agradável surpresa! ...

O CLUBE DOS FENIANOS - Viva!

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS - Adeus!

O CLUBE DOS PROGRESSISTAS DA CIDADE NOVA *(À parte.)* - Impostores!... *(A Mademoiselle Fritzmac.)* - Senhora madama, faça favor de me ouvir.

Copla-lundu

Eu não sou nenhum gabola;
Sou modesto e faço bem;
Dar não pode o mais pachola
Mais do que tem.
Se a madama no meu carro
Quer ir cheia de ouropéis, Imediatamente escarro
Trinta mil réis. *(Dança.)*

O CLUBE DOS FENIANOS - Creio que o amigo perde o tempo... nós já cá estávamos, e eu em primeiro lugar!...

O BARÃO *(Sonhando.)* - Vinte mil arrobas a dez mil réis... Duas vezes um, dois... *(Resmunga.)*

O CLUBE DOS FENIANOS - Dê-me preferência! Cheguei em primeiro lugar! Eu disponho do que há de melhor no gênero mulher!...

O CLUBE DOS DEMOCRÁTICOS - Não lhe dê ouvidos! aquilo tudo é prosa!

O CLUBE DOS PROGRESSISTAS DA CIDADE NOVA *(Querendo conciliá-los.)* - Então, colegas, então! *(É repelido pelos dois.)* Ah! orgulhosos! Querem a guerra?! Pois bem - guerra! *(Os três começam a falar de modo que ninguém entenda, disputam e caem por cima do Barão, que desperta sobressaltado, pedindo por socorro; mas, vendo que se trata de três imprudentes, agarra na cadeira e corre com eles, enquanto Mademoiselie Fritzmac ri às gargalhadas.)*

CENA III

MADEMOISELLE FRITZMAC, *o* BARÃO, *depois a* CRIADA

O BARÃO - Que desordeiros!

MADEMOISELLE FRITZMAC - Deixá-los!

A CRIADA *(Entrando, baixo.)* - Está ai um mocinho muito bonitinho, que quer falar com a senhora...

MADEMOISELLE FRITZMAC - Quê?... Ainda algum clube?...

A CRIADA - Não, minh'ama, é um moço de espírito: deu-me esta moeda!

MADEMOISELLE FRITZMAC - Uma libra? Deve então ser muito rico... Fá-lo entrar!

O BARÃO - Que segredinhos são esses?...

MADEMOISELLE FRITZMAC - Xi! Que cara de sono!... Olhe! entre naquele quarto e lá encontrará onde dormir.

O BARÃO - Mas observo-lhe que não gosto de estar muito tempo sozinho... *(Sai.)*

MADEMOISELLE FRITZMAC - Manda entrar o mocinho. *(A criada sai. Entra Amorosa, disfarçada em rapaz.)*

CENA IV

MADEMOISELLE FRITZMAC, AMOROSA

AMOROSA *[(À parte)]* - Queres seduzir esse pobre chefe de família, mas a seduzida serás tu!

MADEMOISELLE FRITZMAC - Ah! *(À parte.)* Como é lindo!...

AMOROSA - Perdoe, minha senhora, tanta ousadia... Se assim o ordena, retiro-me... *(Faz menção de retirar-se.)*

MADEMOISELLE FRITZMAC - *(Correndo para ele, com ímpeto, e tirando-lhe* o *chapéu das mãos.)* - Não! Não saia, e diga o que o trouxe aqui.

AMOROSA - O que me trouxe foi o... amor!

MADEMOISELLE FRITZMAC - O amor?...

AMOROSA - O amor, sim, minha senhora.

Copla

Eu vi teus olhos divinais,
E nunca mais tive sossego,
Pois cada vez te adoro mais
E amar-te é o meu único emprego.
Vim declarar-te o meu amor,
Guardar não posso este segredo...
Vê como tremo, ó minha flor!...
Não sei de quê, mas tenho medo!

MADEMOISELLE FRITZMAC - Pobre rapaz!...

AMOROSA - Nunca amei outra mulher, nem nunca pensei que o amor fosse um sentimento tão despótico! Depois que te amo, só em ti penso, só te vejo a ti! Nada mais te peço, entretanto, senão que me deixes de vez em quando passar alguns momentos com as tuas mãos entre as minhas.

MADEMOISELLE FRITZMAC *(À parte.)* - Coisa estranha! E não é que estou sensibilizada? Sinto neste instante por ele o que nunca senti por ninguém! Dir-se-ia que também o amo!

AMOROSA - Se quiseres, serei teu e só teu. Mudarás de vida... Levar-te-ei para o campo... casar-nos-emos... Que existência feliz e honesta passaremos numa casinha, entre árvores, até que, depois de muitos anos de virtude, sempre ao lado um do outro, cercados pelos nossos filhos e pelos nossos netos, eu te veja, coroada de cabelos brancos, passar entre o bom povo do campo, aureolada pelas bênçãos de todos, e amada por Deus *(Mademoiselle Fritzmac estremece.),* que nos esperará no céu, sorrindo, de braços abertos!

MADEMOISELLE FRITZMAC *(Afastando-se.)* Cala-te, criança! Esses prazeres não se fizeram para mim! se para o teu amor é necessário o meu arrependimento, foge de mim, nunca mais me procures!

AMOROSA - Vejo que não poderás ser minha... Adeus! *(Mademoiselle Fritzmac não responde. Amorosa retira-se lentamente e sai.)*

MADEMOISELLE FRITZMAC *(Depois de algum tempo.)* - Não! Não posso separar-me dele! Amo-o! *(Põe o chapéu e sai.)*

CENA V

O BARÃO, *depois o* CONGRESSO DOS FENIANOS, *depois a* CRIADA

O BARÃO *(Entrando e vendo-a sair.)* - Madama! madama! Ela sai? Nada, isso é que não está no programa! *(Pega no chapéu, vai a sair, e esbarra-se com o Congresso dos Fenianos.)* Oh, senhor! *(O Congresso vai falar.)* Não lhe posso dar atenção! *(Sai.)*

A CRIADA *(Entrando.)* - Que deseja o senhor?

O CONGRESSO DOS FENIANOS - Falar a Mademoiselle Fritzmac.

A CRIADA - Saiu neste momento. *(À parte.)* Estes meninos!...

O CONGRESSO DOS FENIANOS - Pois quando ela vier, tenha a bondade de lhe dar este cartão... e pedir-lhe que não se comprometa com ninguém. *(Sai.)*

A CRIADA *(Só, lendo o cartão.)* - Congresso dos Fenianos. Também este! *(Indo gritar â porta.)* Cresça e apareça! *(Sai pelo lado oposto. Mutação.)*

Quadro 6

No Jardim Zoológico.

CENA I

A RAPOSA, *a* ONÇA, *o* LEÃO, *o* JACARÉ, *o* TIGRE, *o* GALO, *que descem ao proscênio; depois o* CHEFE DOS COELHOS

CORO -

- Do Jardim Zoológico
Eis o ministério!

E, como hoje é sábado,
Há conselho, e sério!

A RAPOSA - Vamos lá, meus senhores! Antes de expor os negócios públicos à nossa amável rainha, a majestosa gazela, procedamos a um pequeno ensaio geral.

TODOS - Apoiado!

A RAPOSA - Tanto na pasta dos Negócios Interiores, como na dos Negócios Exteriores, ambas comigo, não há novidade de maior. Fale o Senhor Onça, Ministro das Finanças.

A ONÇA - Excelentíssimo Senhor Raposa, as finanças estão no mesmo pé e na mesma mão em que estavam sábado passado. As coisas vão perfeitamente, e melhor hão de ir se me deixarem realizar as reformas que projeto.

A RAPOSA - Ainda bem... vê-se que estar a Onça no governo não quer dizer que o governo esteja na onça.

TODOS - Apoiado!

A RAPOSA - E que diz o Senhor Galo, Ministro dos Rolos?

O GALO - Não há novidade no galinheiro. Depois que lhe pusemos aquela tranca, reina a paz... em Varsóvia.

A RAPOSA - Ainda bem. Senhor Leão, Ministro da Lavoura, que há de novo pela sua pasta?

O LEÃO - Grandes projetos, meu senhor, grandes projetos! A existência deste jardim começa apenas, e o nosso maior cuidado deve ser povoá-lo. Conto que não fique aqui lugar para uma formiga.

A RAPOSA - Muito bem. E o Senhor Tigre? que tem feito?

O TIGRE - Ah, Senhor Presidente, esta pasta das coisas justas, habitualmente tão calma, está começando a dar-me água pela barba!

A RAPOSA - Que me diz?

O TIGRE - Que o diga ali o Senhor Jacaré, Ministro das Águas.

O JACARÉ - É verdade; as coisas não vão lá para que digamos.

A RAPOSA - Mas expliquem-me!...

O JACARÉ - Olhe, é melhor que Vossa Excelência se informe com o Chefe dos Coelhos, encarregados da ordem pública. Ele aí vem. *(O Chefe dos Coelhos entra apressado.)*

A RAPOSA - Então? que há? que há?

O CHEFE DOS COELHOS - O diabo com botas! Os meus coelhos estão atrapalhadíssimos!

A RAPOSA - Mas por quê?

O CHEFE DOS COELHOS - Estava um peixe a fazer desordem fora do seu elemento. Um coelho prendeu-o, mas teve o desazo de tratá-lo como a um reles parati, quando era um badejo de alta prosápia.

A RAPOSA - E daí?

O CHEFE DOS COELHOS - Daí, é que os peixes escamaram-se, e voltaram-se todos contra os coelhos!

A RAPOSA - Fizeram-na bonita! *(Ao Tigre.)* Vá imediatamente demitir o coelho que deu causa ao conflito! *(O Tigre sai.)* É preciso ter muito cuidado com aquela gente. Se eles não se satisfizerem com essa demissão, as coisas ficarão muito entroviscadas.

O CHEFE DOS COELHOS - Antes que elas se entrovisquem, peço a Vossa Excelência que me meta na relação dos beneméritos. O seguro morreu de velho.

(Barulho fora.)

A RAPOSA - Aquilo que é?

O TIGRE *(Entrando a correr.)* - O bicho está demitido, mas não há meio de acalmar os outros!

A RAPOSA - Mau! mau! mau! mau! ...

CENA II

OS MESMOS, *um* GRUPO DE COELHOS, *um* GRUPO DE PEIXES, *aquele perseguido por este.*

Coro

OS PEIXES -

- Vingança, amigos, vingança!
Vingar-nos todos devemos!
Lavemos sem mais tardança,
O insulto que recebemos!

OS COELHOS -

- Desejam todos vingança!
Pois bem! fugir-lhes devemos!
Fujamos sem mais tardança,
Senão, em boas nos vemos!

A RAPOSA - Sabem que mais? Vou expor todas estas circunstâncias à nossa amável rainha, e pedir providências contra tamanha falta de disciplina! Esperem-me aí vocês. que já volto. *(Sai.)*

O TIGRE - A rainha é capaz de dar razão aos peixes!

A ONÇA - E se assim for, vamos para os peixinhos.

O CHEFE DOS COELHOS - Contanto que me metam na relação dos beneméritos.

O GALO *(Olhando para dentro.)* - Vejam!... o Senhor Raposa conversa com a rainha...

A ONÇA - Sua Majestade está com cara de poucos amigos...

O TIGRE - A conversação anima-se.

O CHEFE DOS COELHOS - Gesticulam ambos.

O GALO - Céus!

TODOS - Que é?

O GALO - O Senhor Raposa entregou as suas pastas! *(Atirando-se ao chão.)* Caí!...

TODOS *(Menos o Leão e o Chefe dos Coelhos, atirando-se ao chão.)* - Caímos!

A RAPOSA *(Entrando muito cabisbaixa, e atirando-se também ao chão.)* - Caí!... *(Ao Chefe dos Coelhos.)* Você também caiu!

O CHEFE DOS COELHOS - Eu? Pois isso é possível? *(Sentando-se no chão, muito desconfiado e aos poucos.)*

A RAPOSA - Caiu, sim, senhor. Caiu, e deu causa a que todos nós caíssemos. A rainha exigiu a sua demissão. Eu apoiei-o... nada! - fiz finca-pé, ela também, e não tive remédio senão resignar o poder!

O CHEFE DOS COELHOS - Estou arranjadinho!...

A RAPOSA *(Ao Leão.)* - Olá, amiguinho, está de pé? Olhe que você também caiu!

O LEÃO - Eu? Boas! Estava com vocês por honra da firma! Hei de fazer parte do novo governo!... *(Sai. Ouvem se foguetes.)*

A RAPOSA - Estão ouvindo? A notícia é recebida com foguetório! Aposto que hão de deitar luminárias na gaiola dos macacos! *(Suspirando.)* Ah!...

TODOS *(Suspirando.)* - Ah!...

CORO -

Nesta vida sem ventura,
Tudo é pérfida ilusão;
Pensa a gente estar segura,
Quando leva um trambolhão!
Ai! ai!
Ai! ai!
Tudo neste mundo
De catrâmbias cai!
Ai!

(Os bichos acabam chorando. Findo o canto, aparece o Comendador Vila Isabel, que estaca ao ver a bicharia reunida.)

CENA III

OS BICHOS, *que logo saem, o* COMENDADOR VILA ISABEL, *depois o* BARÃO DO MACUCO; *depois o* CARNAVAL, *depois* MADEMOISELLE FRITZMAC *e* AMOROSA, *depois* PERO BOTELHO, *depois o* BARÃO *e o* COMENDADOR VILA ISABEL, *depois o* AMOR

VILA ISABEL - Que é isso? que pândega é esta?... Já para os seus lugares! *(Todos os bichos se levantam e fogem.)* São temíveis! Em apanhando a gente descuidada, vêm cá para fora fazer política!...

O BARÃO *(Entrando, consigo.)* - Qual! já perdi as esperanças de encontrá-la... Meteu-se com o pelintra num bonde de Vila Isabel... julguei que tivessem vindo para o Jardim Zoológico.

VILA ISABEL - Oh! Barão!...

O BARÃO - Oh! Comen... Comendador ou Barão também?

VILA ISABEL - Comendador... Comendador... mas não tarda por aí o baronato.

O BARÃO - Não me canso de admirar o seu jardim...

VILA ISABEL - Meu é um modo de dizer.

O BARÃO - Oh! o Comendador tem sido a alma deste bairro vitorioso! Vejo constantemente nas *Notícias Várias* os presentes que todos os dias se fazem ao Jardim Zoológico. Hei de mandar-lhe também dois macacos e uma jararaca.

VILA ISABEL - Serão recebidos com muito prazer.

O BARÃO *(A parte.)* - Não lhe poder eu mandar minha sogra!... *(Entra o Carnaval, e vai sentar-se num banco a meditar profundamente até chegar-lhe a ocasião de falar.)*

VILA ISABEL - Temos aí uma onça muito bonita, chegada hoje. Quer vir vê-la?

O BARÃO - Com todo o prazer. *(À parte.)* O que eu queria era encontrar a pequena.

VILA ISABEL - Venha por cá. *(Sai com o Barão. Mademoiselle Fritzmac entra com Amorosa.)*

MADEMOISELLE FRITZMAC *(Correndo.)* - Ai, que linda borboleta! que linda! Ora! Voou!...

AMOROSA - Pousou naquele galho... vou apanhá-la e trazer-lha, mas com a condição de que lhe não fará mal.

MADEMOISELLE FRITZMAC - Descansa. *(Amorosa sai.)* É singular! Operou-se uma revolução completa em todo o meu ser! Como adoro este rapaz... uma adoração pura... sagrada... quisera vê-lo sempre, sempre ao meu lado, e, no entanto, não me tarda o momento de estar com ele a sós... Se Pero Botelho soubesse disto...

PERO BOTELHO *(Deitando a cabeça fora do tronco de uma árvore.)* - És uma idiota!

MADEMOISELLE FRITZMAC - Pero Botelho!

PERO BOTELHO - Os momentos são preciosos... Pois não vês, minha tonta, que esse mancebo por quem te apaixonaste é uma mulher como tu?

MADEMOISELLE FRITZMAC - Uma mulher!

PERO BOTELHO - É a suma das Virtudes, como tu és a suma dos Pecados. Obra do Amor, que me quis pregar uma peça; mas para cá vem de carrinho. Não me posso demorar mais tempo. Cautela! *(Desaparece.)*

MADEMOISELLE FRITZMAC *(Só.)* - Em que esparrela ia eu caindo!

AMOROSA *(Voltando com a borboleta.)* - Aqui a tens, meu amor! É azul como os teus olhos e doirada como Os teus cabelos!

MADEMOISELLE FRITZMAC *(Toma a borboleta, esmaga-a e pisa-a aos pés.)* - Aí tens o caso que faço da tua borboleta! *(Gesto de espanto de Amorosa.)* Julgas que continuarei a ser o teu ludibrio? Descobri toda a verdade, e a tempo de evitar que frustres o desempenho da minha missão! *(Vendo o Barão, que entra com o Comendador Vila Isabel.)* É o diabo que O envia! *(Vai abraçar o Barão; Vila Isabel foge envergonhado.)* Oh, meu bom amigo... meu querido Macuco... já te não largo! ...

O BARÃO - Ora graças!

MADEMOISELLE FRITZMAC - Vamos jantar ali no hotel...

O BARÃO- Mas que foi isto?

MADEMOISELLE FRITZMAC - Vamos! *(Sai com o Barão, que lança um olhar de triunfo a Amorosa.)*

AMOROSA *(Só.)* - Não há que ver! Fui vencida pelo diabo!

O AMOR *(Aparecendo.)* - Vencida! Isso é o que havemos de ver!

AMOROSA - Ah! és tu? Ainda bem! Inspira-me; diz-me O que devo fazer.

O AMOR - É preciso que esse homem se apaixone por ti. É o único meio de salvá-lo. Vai!

AMOROSA - Serás obedecido. *(Sai.)*

O AMOR *(Só.)* - A Fritzmac tem seguido muito mal as instruções do diabo. Atracou-se a um homem isolado, sem se lembrar de que uma andorinha só não faz verão. A minha vitória será ainda mais fácil do que eu supunha.

Coplas

I

Quando nalgum ponto
Meto o meu bedelho,
O poder afronto
De Pero Botelho.
'Stava eu bem servido,
Se fosse vencido!
Meu pobre Pero Botelho,
Tu cantas, mas não entoas...
Venceres este fedelho?
Boas!

II

Quando antigamente
Era um deus vendado,
Fui por toda a gente
Bem mistificado.
Hoje nem por graça
Já ninguém me embaça...
Meu pobre Pero Botelho, etc. *(Desaparece.)*

CENA IV

O CARNAVAL, *depois o* ENTRUDO, *depois o* HIGH-LIFE

O CARNAVAL *(Só, erguendo-se.)*

- Desanimado estou! Não tenho idéias!
Mas não! mas não! Desanimar não quero!
Hei de vencer, espero!

(Outro tom.)

Estou bem aviado!
Pois o Entrudo não vem para este lado!

O ENTRUDO *(Entrando.)*

- Ó Carnaval tirânico!
Maldito sejas, que a vitória é tua!
Já não se encontra uma bisnaga tímida,
Nem um limão de cheiro sai à rua!
Quisera que tu, déspota,
Me dissesses a causa dos meus males!
Por que razão não tenho o teu prestígio?
Por que razão não valho o que tu vales?

O CARNAVAL -

Não me interrompas! cala-te, defunto!
Não me vês dando tratos ao bestunto?

O ENTRUDO -

Tu procuras espírito?
Encontrá-lo não podes nesse vaso!
É mel que não se fez para os teus lábios

(O Carnaval. *encolhe os ombros.)*

Ria-te, provavelmente, se eu acaso
Te disser que fui muito espirituoso.

O CARNAVAL

- Não me rio; deploro-te!

O ENTRUDO -

- Pois ouve-me, orgulhoso;
Uma bisnaga, delicadamente
Espremida por mão de sinhazinha,
Ao passar por um Juca de repente,
Muito mais graça tem, por vida minha!
Que um boneco mal feito,
Representando um célebre sujeito.

O CARNAVAL - Vai-te catar!

O ENTRUDO

- Quem pândego não acha
Um bom limão de cheiro de borracha,
Como uma bala o espaço atravessando
E uma velha cartola derrubando,
Que um tipo traga na cabeça?

O CARNAVAL

- Ó tolo,
Não me esquentes o miolo!
Deste modo, não posso ter espírito!

O ENTRUDO -

- Um bom mergulho numa tina dado
Faz rir, como não faz um mascarado
Dizendo asneiras do alto da carroça;

O CARNAVAL - Fala pr'aí, que eu faço vista grossa!
O ENTRUDO -

- Pois é crível que nem sequer distingas
As clássicas seringas,
Dessas que a medicina hoje condena
E que o grande Molière pôs em cena?
Há lá nada mais cômico?

O CARNAVAL -

- E mais sujo?
Foge, senão eu fujo!
Fazes-me o efeito de um montão de lixo!

O ENTRUDO -

- Como tem graça o esguicho
Que sai do bico da gentil seringa,
E, descrevendo graciosa curva,
Vai molhar uma velha que rezinga!
E o limãozinho pândego, bonito,
A quebrar-se num colo de donzela?
E o susto? e aquele grito

Que solta a moça bela,
Quando bate o limão noutro mais rijo?
Achas-me sujo? Adeus! não me corrijo!
Não é por me gabar, porém sustento
Que hei promovido muito casamento;
Muitos banhos de igreja são causados
Por meus banhos brutais. - Ó salafrário,
Algum dia casaste uns namorados?
Antes pelo contrário,
Já descasado tens alguns casados,
E tais façanhas não têm sido poucas!

O CARNAVAL - Orelhas moucas a palavras loucas

O ENTRUDO -

- Vejo que passa ali, ó céus! que dita!
Uma negra baiana e bem bonita!
Adeus! adeus, ó filho!
Vou mascarar-lhe a cara com polvilho! (Sai.)

O CARNAVAL (Só.)

- Nem à mão de Deus Padre arranjo espírito!
Atrapalhar-me veio este abelhudo!
Nem uma idéia! nem uma facécia!
Estou quase tão besta como o Entrudo!

O HIGH-LIFE - (Entrando.)

- Pois espírito o Entrudo ter bem pode.

O CARNAVAL - Quem és tu?

O HIGH-LIFE -

- O meu nome não te acode,
Por que nós nos vemos há que séculos!
Eu sou o High-life, e quero que repares
Na batalha das flores, de Petrópolis,
E depois me declares
Se aquilo tem ou se não tem espírito!
(Mutação.)

Quadro 7

Cena de fantasia. Bailado de flores animadas.

Depois do bailado começa a chover torrencialmente. Cada uma das flores abre um guarda-chuva.

[(Cai o pano.)]

ATO SEGUNDO

Quadros 8 e 9

A Rua da Misericórdia, entre a Câmara de Deputados e a Rua da Assembléia.

CENA I

MENDIGOS, *que atravessam a cena para o lado do mar; o* BARÃO, AMOROSA, *vestida modestamente*

CORO DE MENDIGOS -

- Sem levar mágoas
No coração,
Vamos do Mangue
Pro Galeão.
Nosso passado,
Sem mais tardar,
Vai o trabalho
Regenerar.

(Saem os Mendigos. Aparecem o Barão e Amorosa.)

AMOROSA - São os asilados do Mangue, que vão para a Ilha do Governador. Vamos assistir ao embarque?

O BARÃO - Não; tenha paciência, menina. Quero estar junto da Câmara, para acompanhar de perto os acontecimentos.

AMOROSA - E eu não o deixo um só instante. Tenho tantos ciúmes do senhor!

O BARÃO - Não compreendo como tem tantos ciúmes de mim, e consente que se prolongue assim este platonismo. Creio que é platonismo que se chama...

AMOROSA - O melhor da festa é esperar por ela.

O BARÃO - Quem espera desespera.

AMOROSA - Quem espera sempre alcança.

O BARÃO - Já com a outra foi a mesma coisa!

AMOROSA - Pelo amor de Deus, não me fale da outra.

O BARÃO - Que infelicidade a minha! Levei-a a jantar ao restaurante do Jardim Zoológico, e ela apanhou uma tremenda indigestão, cujos efeitos duraram perto de um mês. Pobre Mademoiselle Fritzmac! Mas também nunca vi comer com tanta velocidade! O homem do restaurante levou-me quarenta e cinco mil réis pelo jantar, e eu achei que foi de graça! Antes que ela ficasse restabelecida, tive a ventura (a ventura ou a desgraça), de encontrar a menina, e desde então me deixei subjugar completamente pelos seus encantos. Já não acho graça na Fritzmac!

AMOROSA - E quem sabe se a natureza do nosso afeto não se transformará? Quem sabe se o senhor não será ainda para mim um pai?

O BARÃO - Com franqueza: prefiro ser um paio!

AMOROSA - Pois bem, se lhe não agrada o nome de pai, será meu irmão mais velho.

O BARÃO *(Com força.)* - Nunca!... *(Consigo.)* Entretanto, é esquisito... tenho por ela um certo respeito... Aprecio aqueles escrúpulos, por mais singulares que me pareçam, e não seria capaz de uma violência.

CENA II

O BARÃO, AMOROSA, *dois* LICURGOS, *depois um* ASPIRANTE DE MARINHA, *depois* PRIMEIRO *e* SEGUNDO

HOMENS, *depois o* CONSELHEIRO JACÓ, *depois o* PADRE-SOLDADO *(Os dois Licurgos atravessam a cena.)*

PRIMEIRO LICURGO - Vossa Excelência é um ladrão confesso!

SEGUNDO LICURGO - E Vossa Excelência é uma pústula que hei de espremer! *(Desaparecem.)*

O BARÃO - Não faça caso... são dois licurgos, que repetem na rua as amabilidades trocadas lá dentro.

O ASPIRANTE DE MARINHA *(Entrando e colocando-se entre o Barão e Amorosa.)* - Então? que tal acham este fato?

AMOROSA - Muito feio.

O BAR - Reprovadíssimo.

O ASPIRANTE - Quê? pois este uniforme é feio? o dólmã reprovadíssimo?!...

AMOROSA - Houve confusão. O senhor referiu-se ao fato...

O BARÃO - E nós nos referimos ao fato.

O ASPIRANTE - Falava-lhes do *negligé* da Armada Nacional.

Copla

Num corpo esbelto e chibante,
Todo airoso e perfilado,
Nada há de mais elegante
Do que um dólmá bem talhado.
As sinhazinhas por isto
De amores ficam babadas;
Depois que este dólmá visto,
Tenho mais três namoradas.

(O Aspirante sai. Entra da esquerda um Homem, acompanhado por outro, que traz um livro e uma campainha na mão.)

PRIMEIRO HOMEM - Escusa de insistir! Juro que não juro! É contra as minhas idéias! *(Sai pela direita.)*

SEGUNDO HOMEM - Venha cá! *(Vai segui-lo.)*

O BARÃO *(Agarrando-o.)* - Que há, meu amigo?

SEGUNDO HOMEM - É aquele herege que não quer jurar nem pelo diabo!

AMOROSA - Com razão! Pelo diabo ninguém jura!

SEGUNDO HOMEM - Estou vendo que há de ser preciso alterar o regimento! *(Gritando a sair pela direita.)* Venha cá! venha jurar, homem de Deus! *(Sai.)*

O BARÃO - Isto aqui está muito divertido. *(Vendo entrar o Conselheiro Jacó, que traz uma mala.)* Oh, Conselheiro Jacó! De volta de Paris! Dou-lhe os parabéns... apanhou finalmente a sua Raquel...

O CONSELHEIRO JACÓ - Ah, meu amigo, não foi porque Labão o quisesse! Olhe que trabalhei!... Fui candidato vinte e tantos anos!... Hei de escrever a história das minhas eleições. Pelo menos três volumes!

AMOROSA - Água mole em pedra dura...

O CONSELHEIRO JACÓ - Bem.... lá estou na Rua do Areal às ordens dos amigos.

Q BARÃO *e* AMOROSA - Conselheiro! *(O Conselheiro Jacó sai.)*

O BARÃO - Isto aqui está muito divertido! *(Vendo entrar o Padre-soldado.)* Quem será este agora?

O PADRE-SOLDADO - Psiu... *(Vem ao meio dos dois.)*

Copla

Música Religiosa

Por esta batina tétrica
Por este ar de santarrão,
Já sabeis que canto vésperas
E que prego o meu sermão.

(Transforma-se em soldado. A música muda de andamento e toma caráter marcial.)

Eu sou soldado, Sou desertor!
E ao velho estado
Volto ao som da trombeta e tambor! Trá lá lá lá!
Rataplã plã... *(Sai marchando.)*

AMOROSA - Padre e soldado!

O BARÃO - Não será também estudante?

CENA III

O BARÃO, AMOROSA, PESSOAS DO POVO, *que entram a pouco e pouco, o* PROJETO, *que atravessa a cena da direita para a esquerda montado num velocípede, com uma casaca de abas exageradamente compridas; depois o* PRIMEIRO VENDEDOR DE CANIVETES, *depois o* PROJETO, *depois o* SEGUNDO VENDEDOR DE CANIVETES, *depois o* TERCEIRO VENDEDOR DE CANIVETES

O PROJETO *(Enquanto atravessa a cena.)* - Eu sou o projeto! Venho de São Paulo! Deixem-me passar! Não tenho tempo a perder!

O Povo *(Aclamando-o.)* - Viva! viva!...

O BARÃO - É ele! É o projeto, que vem de São Paulo! Entrou na Câmara! Meus Deus! que velocidade! Ai, os meus ricos pretinhos!...

AMOROSA - Esqueça-se dos seus interesses e só se lembre da liberdade de tantos homens.

O BARÃO - O grande caso é que, quando estou a seu lado, a minha indignação diminui consideravelmente.

(A cena tem se enchido. No meio do burburinho geral, entra o primeiro Vendedor de Canivetes e é logo rodeado de povo, que faz vozeria.)

CORO -

- Quem será este sujeito,
Este tipo que aqui está?
Quer vender alguma coisa:
Vamos ver o que será!

PRIMEIRO VENDEDOR DE CANIVETES - Meus senhores, comprai o canivete-abolição!

TODOS - Bravo! bravo!... *(Indignação do Barão, que é contido por Amorosa.)*

PRIMEIRO VENDEDOR *(Mostrando um canivete.)* - Esta folha chama-se a *Cidade do Rio...* é a mais pequenina, mas é também a mais cortante. Esta outra folha, a maior, chama-se o *País;* corta que nem uma navalha! Esta aqui, cheia de figurinhas, chama-se a *Revista Ilustrada!* Comprai, comprai todos o canivete! O canivete-abolição extrai, destrói, extirpa, extermina esse calo chamado escravidão, com o qual o pais não pode dar um passo para diante!...

TODOS - Venha! venha!... *(O Vendedor distribui canivetes, e sai, distribuindo-os sempre.)*

AMOROSA *(Ao Barão.)* - O senhor devia ter ficado com um.

O BARÃO - Não! - aqueles canivetes amolam-me!

(O Projeto atravessa a cena, em sentido oposto, sempre em velocípede. Leva as abas da casaca cortadas.)

O PROJETO *(Enquanto passa.)* - Passei na Câmara! Vou para o Senado! Não tenho tempo a perder! *(Desaparece.)*

O Povo *(Aclamando-o.)* - Viva! viva!...

O BARÃO - Ai, minha Nossa Senhora, é o projeto, e já vai sem rabo!...

(Entra o segundo Vendedor de Canivetes e é rodeado pelo povo.)

SEGUNDO VENDEDOR DE CANIVETES - Meus senhores, comprai, comprai o canivete-indenização!

TODOS - Fora! fora!...

SEGUNDO VENDEDOR *(Mostrando.)* - Só tem uma folha, e uma folha que só serve para cortar largo, mas é um ótimo canivete, e a maior novidade das novidades! O canivete-indenização extrai, destrói, extirpa, extermina esse calo, ou antes esse calote, chamado abolição!

TODOS - Não queremos! Fora! Fora!

O BARÃO - Aquele compro eu. *(Dá um passo.)*

AMOROSA - *(Retendo-o.)* - Não!

SEGUNDO VENDEDOR - Não arranjo nada! *(Sai muito murcho.)*

TERCEIRO VENDEDOR DE CANIVETES *(Entrando e vendo-se logo rodeado de povo.)* - Meus senhores, comprai o canivete-república! Tem uma infinidade de folhas, e mais esta balança, em que se pesam os direitos do homem, e mais este saca-rolhas, que se chama Princípios de 89. O canivete-república extrai, destrói, extirpa, extermina esse velho calo - a monarquia!

(Uns compram e outros não. O Terceiro Vendedor sai.)

O BARÃO - Eu também quero a república, contanto que me deixem ficar com o meu título de Barão, que me custou bem bons cobres.

CENA IV

O BARÃO, AMOROSA, *povo, o* PROJETO, *que atravessa a cena vestido de mulher*

O PROJETO - Passei no Senado!

TODOS *(Com entusiasmo.)* - Bravo! Viva! Viva!... *(A cena deve estar completamente cheia.)*

O BARÃO - É o projeto... Está vestido de mulher!

AMOROSA - Naturalmente. Foi convertido em lei.

O BARÃO - Vamos ao Paço. *(Saem. Os coros descem ao proscênio.)*

CORO

- Um novo sol brilhante
Os horizontes desta
Pátria doira!
Foi-se a nódoa infamante!
Salve, salve, Princesa redentora!

(Rasga-se parte do pano do fundo, e aparece no céu, cercada de flores, uma enorme roseira de ouro. Mutação.)

Quadro 10

Corredor de casa pobre.

CENA I

ZÉ DO BECO, *depois* TRIPAS-AO-SOL

ZÉ *(Falando para a esquerda.)* - Nada, meu amigo. Você cá não dorme hoje! Se quiser cama, pague o atrasado!

UMA VOZ - Amanhã dou tudo junto.

ZÉ - Qual amanhã nem pera amanhã! Você já deve meia pataca de duas noites! Se a continha aumenta, adeus, minhas encomendas!... De meu rico dinheiro não vejo nem a sombra!

A VOZ - Pois vá pro diabo, seu burro!

ZÉ - Burro vá ele! *(Vindo ao proscênio.)* Era o que faltava! ter eu aqui, às ordens destes caloteiros, a melhor casa de alugar camas do Beco de Dom Manuel, célebre pelo

horroroso assassinato de um grumete que ressuscitou em Resende! *(Indo á porta e gritando.)* Não tenho medo de navalha, ouviu?

TRIPAS-AO-SOL *(Entrando com um movimento de capoeira.)* - Isso é com o degas?

ZÉ - Oh! não senhor, seu Tripas-ao-sol! É com outro vagabundo que saiu agora.

TRIPAS-AO-SOL - Ah! pensei!

ZÉ - Seja bem aparecido por esta sua casa. Ainda o fazia lá pela chácara de Catumbi...

TRIPAS-AO-SOL - Neste sábado agora faz quinze dias que eu fui *sorto.*

ZÉ - E por onde tem andado?

TRIPAS-AO-SOL - Por aí. Tenho visto as *festa* da abolição.

ZÉ - Dizem que têm estado muito bonitas...

TRIPAS-AO-SOL - Você não foi, seu Zé do Beco?

ZÉ - Eu tenho lá licença de arredar pé daqui?...

TRIPAS-AO-SOL - Pois eu tenho ido a tudo! Fui à missa do campo de São *Cristovo;* fui às *corrida;* entrei lá num rolo danado; agora acabou-se o cobre, e não há remédio senão vir dormir barato.

ZÉ - É! Vocês andam, viram, mexem, mas afinal de contas aqui vêm todos parar! Vocês hão de se capacitar que não há nada como isto! *(Reparando em Tripas-ao-sol.)* Mas, sim, senhor: o Senhor Tripas-ao-sol engordou na Correção!...

TRIPAS-AO-SOL - Pois, olhe, a boa vida por lá começa agora.

ZÉ - Como assim?

TRIPAS-AO-SOL - Foi lá quem pode, provou a bóia, achou ela má, e quer que, de hoje em *diente,* os *preso tenha* muito bom bife, muito boa salada, azeitona, e até vinho do Porto!

ZÉ - Qual! Isso são caraminholas! *(Outro tom.)* Lá vem freguesia!

TRIPAS-AO-SOL - Tome os quatro *vintém.* Vou me deitar, que quero acordar cedo. *(Paga e sai.)*

CENA II

ZÉ, SERAPIÃO

SERAPIÃO *(Entrando e tirando o chapéu.)* - Muito boa noite.

ZÉ - Boa noite.

SERAPIÃO *(A meia voz.)* - O senhor tem aí uma cama disponível?...

ZÉ - Tenho algumas.

SERAPIÃO - Preço?

ZÉ - Para acordar a que horas?

SERAPIÃO - Seis ou sete da manhã...

ZÉ - Oitenta réis. *(À parte.)* Este é calouro...

SERAPIÃO - É o último preço?

ZÉ - São as mais baratas. Há também de tostão, com travesseiro.

SERAPIÃO - Dispenso o travesseiro. Mas, diga-me uma coisa: não faz um abatimento, eu ficando freguês?

ZÉ - Por quanto tempo?

SERAPIÃO - Não sei... até a reforma dos correios. Tenho lá um lugar prometido, mas o diabo é que os candidatos são muitos. Conheço uma família em que há quatro primos e um tio, todos com promessas de se encaixarem lá.

ZÉ - Se o senhor quer tomar uma assinatura por mês, dou-lhe a cama por dois mil réis, dinheiro adiantado.

SERAPIÃO - Adiantado é que é o diabo: tenho a vida muito atrasada! Olhe, eu pago os quatro vinténs! Faz favor de me dar a cama?

ZÉ - Faz favor de me dar o cobre? *(Serapião paga.)* O senhor tem sono pesado?

SERAPIÃO - Pelo contrário; muito leve: para me acordar, é bastante puxar-me a perna com força e gritar-me aos ouvidos.

ZÉ - É que de vez em quando há barulho aqui por casa. Se ouvir alguma coisa, faça de conta que não ouviu nada. Vire-se para o outro lado e continue a dormir. Vamos lá. Vou dar-lhe a cama. *(Entram um preto e uma preta, que mal podem andar, porque trazem os pés apertados.)*

CENA III

UMA PRETA, PRIMEIRO PRETO, *depois* ZÉ, *depois* SEGUNDO PRETO

PRIMEIRO PRETO - Entra, nhá Bituca! Aqui é que é casa que gente *drume* por quatro *gintém.*

A PRETA - Eu *é* capaz de *jurá* que gente aqui não *drume* tão bem como lá em casa de meu *senhô.*

PRIMEIRO PRETO - Que *senhô!* Gente não tem mais *senhô!...* Treze de Maio botou tudo tão bom, como tão bom! Diabo é *este brutina,* que *tá* me *pretando* pé.

A PRETA - Eu também *tá* que não pode!

ZÉ *(Entrando.)* - Boa noite! Desejam dormir?

PRIMEIRO PRETO - Eu *qué drume* com minha *praceira,* sim *senhô.*

ZÉ - Nesta *maison meublée* não há aposentos separados! Não há quartos com menos de oito camas.

PRIMEIRO PRETO - Ué! Então *home drume* com *muié* tudo junto?

ZÉ - E até crianças! Olha! *(Entra uma turca maltrapilha, com duas crianças pela mão. Paga e sai.)* As crianças só pagam dois vinténs: metade do preço.

A PRETA - Eh, pai João, *ante* no *cativero!...*

ZÉ - Não seja mal agradecida! não diga mal da liberdade!

PRIMEIRO PRETO - *Libredade* é bom, mas barriga cheia é *mió!*

ZÉ - Pois você não está contente com o Treze de Maio?...

PRIMEIRO PRETO - É! *Pru mode* Treze de Maio preto já não vale nem *dé tutão!*

ZÉ - O que vocês precisam é dormir! Passem para cá a bela da meia pataca, e por ali é o caminho!

PRIMEIRO PRETO *(Pagando.)* - Tá'í!

ZÉ *(Empurra-os para dentro. Saem os dois.)* - Aí vem mais gente!

SEGUNDO PRETO *(Entrando, com as botas na mão.)* - Viva a lei Treze de Maio! *Ave libertas!*

ZÉ - Bom! bom! nada de barulho, que isto aqui é casa de sossego!

SEGUNDO PRETO - *Ave libertas!*

ZÉ - Que *libertas,* nem meio *libertas!* Que quer você?

SEGUNDO PRETO - Cama com travesseiro para um! Aqui tem nicolau, Diabo, *tou* rouco de dá tanto viva!

ZÉ - Ainda bem que este está contente!

SEGUNDO PRETO - Pois não há de *tá* contente um *home* que levou toda a sua vida a *trabaiá* de meia cara, e agora pode se *empregá* e ter seu dinheiro no *borso?...* Branco safado que deixou a gente tanto tempo no *cativero!*

ZÉ - Bem, bem! Vá dormir, que seu mal é sono!

SEGUNDO PRETO - *Ave libertas!*

ZÉ - Mas que é isso de *Ave libertas?*

SEGUNDO PRETO - Sei lá! É francês! Isso anda em toda a boca! *Ave* é galinha e *libertas* é *muié* que ficou livre! *(Sai.)*

ZÉ - Aí vem mais povo. Hoje isto está quente! Também não admira: dia de pagode!...

CENA IV

ZÉ, *uma* MULATA, *depois um* ITALIANO, *depois* TIRO-E-QUEDA

A MULATA *(Entrando.)* - Me dê uma cama, seu Zê do Beco! *(Dando-lhe dinheiro.)* Tem aí mais dois *vintém* pro café de *menhã.*

ZÉ - Então tem festejado muito o Treze de Maio?

A MULATA - Eu? Ixe! *(Traçando o chale sobre o ombro.)* Pra cá, mais pra cá! Não sou muita de Trezes de Maio, nem de livros de ouro. Esta que aqui está pra ser livre não precisou de *leses.* O pai de meu filho pagou minha carta. Eu até acho que os *branco* faz mal em *acabá* cos *escravo.* Agora é que vai se *vê* o que é vadiação! *(Saindo.)* Não se esqueça do café de *menhã.*

ZÉ *(Só.)* - É muito prosa esta mulata, mas é boa freguesa. *(Entra um italiano, com um realejo e um macaco no ombro.)*

O ITALIANO - *Signor, dateme una cama; ecco il denaro. (Senhor dá-me uma cama, eis o dinheiro)*

ZÉ - Quatro vinténs só? E o macaco?

O ITALIANO - *Il macaquito anche dove pagare?... (O macaco também deve pagar?)*

ZÉ - Aqui os macacos pagam como crianças: metade do preço.

O ITALIANO - *Si lei vuole, lo faró danzare um pouquito, per pagare la sua parte... (Se o senhor quiser eu o farei dançar, para pagar a sua parte...)*

ZÉ - Não! não! Aqui não se admite barulho! *Pagate, pagate* e não *buffate!*

O ITALIANO - *Ecco. Povero simioco, tratato come un bambino! (Pobre macaco, tratado como uma criança!)*

ZÉ - *Andate! andate, mossiú! (O italiano sai.)* Já uma vez veio aqui dormir um homem que andava com um urso, mas também cobrei-lhe dez tostões pelo companheiro! O diabo do bicho fungou toda noite, que parecia caçoada! Nessa noite ninguém aqui dormiu, nem ele!

TIRO-E-QUEDA *(Entrando.)* - Ora viva o seu Zé do Beco!

ZÉ - Olá! Venha esse abraço! Que é feito?

TIRO-E-QUEDA - Ah, seu padre! eu fui no Cabeça de Porco *vê* uma roupa lavada, e um português me convidou pro sete-e-meio. Logo na segunda mão eu já tinha mordido dois *cruzado,* mas o bruto quis fazer estréias comigo, e eu não lhe conto nada! Enchi ele, e o cabra foi *conversá cas formiga!* Num *ápis* a *estalage* ficou toda num *sarseiro:* cacete voava que nem mosca!

ZÉ - E a canoa?

TIRO-E-QUEDA - Canoa só de longe, contemplando os acontecimentos.

ZÉ - Você não toma caminho! Um dia acaba na ponta de uma sardinha!

TIRO-E-QUEDA - Só se *fô* sardinha de Nantes. Ferro que há de me *furá* inda não está feito folha! Pois não! um diabo que teve o desaforo de me *chamá* indivíduo! Indivíduo é *home* que anda fora d'hora. *(Ouvem-se passos apressados na escada.)*

ZÉ - Que é isto?

CENA V

ZÉ, TIRO-E-QUEDA, *o* BARÃO, *depois todos os demais personagens do quadro*

O BARÃO *(Entra insuflado; traz a tiracolo a fita distintiva dos jornalistas nas festas da abolição.)* - Escondam-me! escondam-me por amor de Deus!

OS DOIS - Que foi?

O BARÃO - Aquela mulher é os meus pecados.

Os DOIS - Que mulher?

O BARÃO - Vinha muito descansado ali pela Rua da Misericórdia, em companhia da outra, quando ela passou num bonde, apeou-se, e fez um chinfrim de todos os diabos!

Os DOIS - Ela quem? Ela quem?

O BARÃO - Intervenho, naturalmente; chega a polícia...

TIRO-E-QUEDA - A canoa.

O BARÃO - Um soldado toma-me pelo desordeiro e vai prender-me; eu - pernas para que te quero? Embarafusto por este beco e entro na primeira porta que encontro aberta! Onde estou eu?

TIRO-E-QUEDA - Tá diante de um *home* bom pra lhe *defendê!* Se *qué sabê* quem é o Tiro-e-queda...

O BARÃO - Tiro-e-queda?...

TIRO-E-QUEDA - É o meu vulgo! Se quer saber quem ele e, aqui seu Zé do Beco que lhe informe!

ZÉ *(Dando um beijo nos dedos.)* - É obra! No gênero capanga é o que se pode encontrar de melhor no mercado.

TIRO-E-QUEDA *(Lisonjeado.)* - Favores que não mereço!...

O BARÃO - Não me despeço dos seus serviços...

TIRO-E-QUEDA *(Reparando na fita que o Barão traz a tiracolo.)* - Ah, espera, Vossa Senhoria também é desses *home* que escreve nas *folha?*

O BARÃO - Eu não senhor... nunca escrevi senão à família.

TIRO-E-QUEDA - Mas essa fita...

O BARÃO - Dizem que é o distintivo da imprensa... Mas como vejo toda a gente na rua com o tal distintivo a tiracolo, comprei também o meu, para não me distinguir das outras pessoas: não gosto de me dar ares de original.

(Ouve-se tocar realejo lá dentro e logo uma gritaria infernal de pessoas que protestam e brigam.)

ZÉ - Hein? Já tardava!...

(Todos os personagens do quadro entram fazendo algazarra e empurrando o Italiano adiante de si.)

O ITALIANO - *Perdonate, signori, non é colpa mia! Il macaquito ha torcito la manivella! (Me perdoem, não é culpa minha. O macaco torceu a manivela!)*

ZÉ - O pescoço torço-lhe eu, se continua! Bom! Toca a dormir! Não vale a pena... *(Todos resmungam.)*

O BARÃO - Ah! isto cá é hotel?

SERAPIÃO - Hospedaria.

ZÉ - Hospedaria vá ele. *Maison garnie.* Vossa Senhoria quer uma cama?

PRIMEIRO PRETO - *Quá!* Branco limpo há de *assujetá* a *drumi* em cama de quatro *gintém!*

ZÉ - Há também de tostão, com travesseiro..

O BARÃO - Está doido! Eu posso lá dormir aqui!

TIRO-E-QUEDA - Não faça pouco da casa, seu Conselheiro, e ouça lá esta cantiga pra *ficá* ciente.

Lundu

I

Quem é pobre não tem luxo,
Se deixe de imposturia!
Meta só feijão no bucho,
E, em vez de vinho, água fria!
Deve andar alegre um *home*
E não ter pena nenhuma
De matar no frege a fome,
Drumir onde um cão não *druma.*
Perfeitamente
Acha-se aqui
Caminha quente
Para *drumi.*
Se fofas penas,
Aqui não tens,
Gastas apenas
Quatro vinténs.

II

Nesta casa não se acoite
Quem pode ir para os hotéis
E pagar por uma noite
Pelo menos dois mil réis.
Mas logrado está quem julga
Ser melhor o tal Ravot,
E ter de achar menos pulga

Lá no Frères Provençaux.
Perfeitamente, etc.

ZÉ - Bom. São horas! toca a dormir!

O BARÃO - Eu vou tomar o bondinho. *(À parte.)* Lá no Freitas sempre estou melhor do que aqui! *(Os personagens têm-se retirado aos poucos.)*

TIRO-E-QUEDA - Eu acompanho Vossa Senhoria até a sua casa.

O BARÃO - Pois sim! Vá lá! *(À parte.)* Dou-lhe dois mil réis! *(A Zé.)* Boa-noite!

Zé - Boa-noite. *(O Barão sai.)*

TIRO-E-QUEDA *(A Zé.)* - Se ele não marcha com uma de cinco, eu encho ele! *(Sai.)*

ZÉ *(Só.)* - Este diabo é levado! É pena, porque é boa pessoa, e podia fazer caminho na política... se tivesse juízo!... *(Sai. Mutação.)*

Quadro 11

No Cassino Fluminense. É o final de um grande baile. O salão está quase vazio. Senhoras e cavalheiros passeiam fatigados.

CENA I

CONVIDADOS, *depois o* VISCONDE, *que dá o baile, depois o* PRIMEIRO *e* SEGUNDO CONVIDADOS, *depois um* CRIADO, *com uma bandeja de chocolate*

CORO -

- Que belo baile!
Que animação!
Luzes e flores
Em profusão!
Comes e bebes
Â discrição!

Que belo baile!
Que animação!...

O VISCONDE *(Fatigadíssimo, vindo ao proscênio.)* - Valha-me Deus! já terminou o cotilhão... Que faz ainda aqui esta gente? Estou morto por me deitar... Que dia! Nunca trabalhei tanto em toda a minha vida!... *(Consultando o relógio.)* Já passam de quatro horas. *(Falando a um e a outro.)* Então, minha senhora, ficou satisfeita com o presente que lhe coube no cotilhão? - Conselheiro, por que não trouxe sua senhora? - Dançou muito, Doutor? *(Sai, falando sempre e muito preocupado em obsequiar a um e a outro. Vêm ao proscênio o Primeiro e o Segundo Convidados.)*

PRIMEIRO CONVIDADO *(Com um pé no ar.)* - Arre! que um bruto pisou o meu melhor calo! Também arrumei-lhe uma descompostura como ele tão cedo não ouvirá outra! Não gosto disto. É a primeira vez que venho ao tal Cassino, e há ele ser a última!

SEGUNDO CONVIDADO - Não faça caso, Comendador!

PRIMEIRO CONVIDADO - Basta que o estupor das botas me apertem os joanetes, que é uma desgraça!...

(Passa um criado levando uma bandeja de xícaras de chocolate. Todos os convidados avançam para ele. O criado levanta a bandeja de modo que não lhe possam tocar.)

VOZES - Dê cá! Dê cá!

(O criado consegue sair. O Segundo e o Quarto Convidados encontram-se no proscênio.)

CENA II

CONVIDADOS, TERCEIRO *e* QUARTO CONVIDADOS, *depois o* VISCONDE

TERCEIRO CONVIDADO - Oh! estás também por cá?

QUARTO CONVIDADO - Desde o princípio. Já fiz três declarações de amor.

TERCEIRO CONVIDADO - Eu procurei-te, mas podia lá encontrar-te no meio de três mil pessoas!...

QUARTO CONVIDADO - Que tal achaste o baile?

TERCEIRO CONVIDADO - Muito bom, mas estou arrependido de ter vindo. Está aqui todo o comércio. Não dou um passo que não encontre um credor. Ainda agora esbarrei com o alfaiate que me fez esta casaca há dois anos.

QUARTO CONVIDADO *(Examinando.)* - Ouvidor?

TERCEIRO CONVIDADO - Hospício.

QUARTO CONVIDADO - Pois olha, está soberba. Devias ter pago.

TERCEIRO CONVIDADO - Ah! isso era muito difícil.

QUARTO CONVIDADO - O baile acabou, mas creio que ainda há o que beber. Vamos tomar alguma coisa?

TERCEIRO CONVIDADO - Vamos lá. Desde a lei de Treze de Maio, não faço outra coisa senão tomar alguma coisa.

QUARTO CONVIDADO - Já fui a quinze banquetes... *(Afastam-se.)*

O VISCONDE *(A um e a outro, entrando.)* - A sua menina gostou da festa? - Jogou a sua partidinha de voltarete? - Por que não trouxe a família? Ah! veio? Bom!... Minha senhora, por onde anda seu esposo? Divirtam-se, divirtam-se até o fim!! *(No proscênio.)* Ora esta! Querem passar aqui o dia!... *(Sai.)*

CENA III

CONVIDADOS, *o* BARÃO, SEGUNDO CONVIDADO,
PRIMEIRA SENHORA, *depois o* VISCONDE

O BARÃO *(Conversando com o segundo convidado, que entra de braço com uma senhora.)* - Pois é verdade, meu caro senhor, não sei para que estas levas para Mato

Grosso! A cidade está agora, mais do que nunca, infestada de capoeiras! Aqui há dias, ali no Largo da Lapa, à porta do Freitas Hotel, este seu criado apanhou uma cabeçada na boca do estômago... porque não quis dar cinco mil réis a um desses meliantes.

A SENHORA - Credo!...

SEGUNDO CONVIDADO - Valia a pena ter-lhe dado o dinheiro.

O BARÃO - Ah, se eu adivinhasse, dava-lhe até mais alguma coisa. Durante quatro dias não me animei a sair à rua!...

A SENHORA - Ainda se demora muito tempo na Corte, Senhor Barão?

O BARÃO - Não sei, Senhora Dona Mariana, não sei: há aí um negócio, ou antes, dois negócios que me têm prendido. A Baronesa, coitadinha! chama-me todos os dias. Para consolá-la, mandei-lhe o meu retrato... deste tamanho... tirado na Fotografia União!

SEGUNDO CONVIDADO - Ah! eu vi-o na *Glacé Elégante.*

O BARÃO - Agora mesmo a Baronesa me escreveu dizendo que os negros não abandonaram a fazenda e aceitaram os salários.

O VISCONDE *(Entrando.)* - Minhas senhoras... meus senhores... tomaram chocolate? Está delicioso!

O BARÃO *(Ao Visconde.) -* Oh! Visconde!...

O VISCONDE - Ah!... perdão!... estou a conhecê-lo e não me recorda...

O BARÃO - Ora essa! dar-se-á caso que não me conheça e tenha me convidado para a sua festa? Eu sou o Barão do Macuco... Ainda não lhe havia falado, porque sentei-me numa cadeira ali naquela sala... ao pé da janela, a tomar fresco e peguei no sono. Mas tenho me divertido muito. *(Boceja.)*

O VISCONDE - Pois, Barão, estimo muito que... *(Saem ambos. O quinto convidado com a senhora têm se afastado.)*

CENA IV

CONVIDADOS, QUINTO CONVIDADO, SEGUNDA SENHORA, *depois* SEGUNDO CONVIDADO e PRIMEIRA SENHORA, *depois um* DIPLOMATA, *depois* PRIMEIRO *e* SEXTO CONVIDADOS

SEGUNDA SENHORA *(Acompanhando o quinto convidado.)* - Vamos embora, Roberto... já deu o tiro de peça, são horas. Às onze horas eu devo estar de pé, senão é uma desordem lá em casa que ninguém se entende

QUINTO CONVIDADO - Ainda não tomei chocolate.

SEGUNDA SENHORA - Já arranjaste os doces para as crianças?

QUINTO CONVIDADO *(Tirando um embrulho de doces do bolso.) -* Cá estão. Vim prevenido com papel.

SEGUNDA SENHORA - Nhozinho e Lili sempre que vamos a qualquer parte e não levamos alguma coisa para casa, nos apoquentam todo o santo dia. *(Examinando o embrulho.)* Oh, Roberto! que miséria de balas!... Vai arranjar mais algumas!

QUINTO CONVIDADO - Aonde, senhora? Restavam algumas... foi o Meio da botica quem se lambeu com elas!

SEGUNDA SENHORA - Olha, estas cocadas é que se dispensavam, fazem muito mal às crianças.

QUINTO CONVIDADO - Deixa ir. Mandam-se de presente ao filho do Góis.

SEGUNDA SENHORA - Mesmo para pagar aquela compoteira de doce de marmelo que nos mandaram o outro dia.

SEGUNDO CONVIDADO *(Sempre de braço com a primeira senhora.)*- Ó Dona Senhorinha, como tem passado?

PRIMEIRA SENHORA *(Voltando, vai cumprimentar a segunda senhora.)* - Adeus, seu Roberto... como está Dona Aquela? *(Beijam-se.)* Não lhe tinha visto. *(O quinto e o sexto convidados cumprimentam-se.)*

SEGUNDA SENHORA - Pudera! tanta barafunda!... Não sei pra que se convida tanta gente... eu gosto mais das *soirées* de família que destes bailes de maçada. - Viu a nossa vizinha, a Henriquetinha Barros? Como estava ridícula!

PRIMEIRA SENHORA - É sempre no que dão vestidos aproveitados... Olhe, com aquela saia de seda azul, eu vi *ela* há dois anos no Clube do Engenho Velho.

SEGUNDA SENHORA - Como tem ido lá por casa com a falta d'água?

PRIMEIRA SENHORA - Tem havido pouca, mas alguma. Sempre dá para os gastos.

SEGUNDA SENHORA - Lá em casa tem sido um horror. Não é, Roberto?

QUINTO CONVIDADO - Uma *calamidade!* Há mais de oito dias não temos um pingo d'água!

PRIMEIRA SENHORA - Que coisa! Então agora, depois do tal Treze de Maio, que não se pode contar com as criadas, que ficaram todas umas senhoras fidalgas!

SEGUNDA SENHORA - A lavadeira não nos dá roupa há um mês!... A cesta da roupa suja está que não se pode fechar!

QUINTO CONVIDADO - Então, que tal tem achado a festa?

SEGUNDO CONVIDADO - Muito bonita... Este homem deve ter gastado muito dinheiro!

QUINTO CONVIDADO - Dizem que trinta contos, e eu acredito.

SEGUNDO CONVIDADO - Mas há muita mistura... Ainda agora vi um sujeito metendo doces na algibeira da casaca.

QUINTO CONVIDADO - Oh! péssimo costume!

SEGUNDO CONVIDADO *(Vendo passar pelo fundo o diplomata.)* - Conhecem? É um dos homens da época. *(Apaga-se a luz do salão.)*

QUINTO CONVIDADO - Olhe, apagam-se as luzes... Vamos embora? Já temos bonde. *(Ao sexto.)* Vão de carro?

SEGUNDO CONVIDADO - Nada, vou tomar o bondinho da Praça Onze, que me deixa na porta.

TODOS QUATRO - Então vamos juntos. *(Saem.)*

(Aparece o primeiro convidado conversando com o sexto.)

PRIMEIRO CONVIDADO - Não há dúvida! O câmbio está bonito, está; sobe que é um louvar a Deus de gatinhas! Mas ou eu me engano, ou vamos ter uma crise terrível! Esta lei!...

SEXTO CONVIDADO - Não diga isso! E a imigração? Não vê como tem entrado gente? Quer que lhe diga? Cá para o meu comércio de vinhos, a lei foi providencial. Tem sido um beber, meu rico senhor, mas um beber!...

PRIMEIRO CONVIDADO - Ah, por esse lado não me queixo também. Para o meu negócio de calçado, a lei foi obra. Não imagina a quantidade de sapatos que tenho vendido para o interior! - Mas vamos embora, que isto já está deserto. *(Saem.)*

CENA V

O BARÃO, *depois* MADEMOISELLE FRITZMAC, *depois* AMOROSA, *depois o* VISCONDE

O BARÃO - Já são horas de me pôr ao fresco... mas não devo retirar-me sem me despedir do dono da casa... Com que saudades estou daquela misteriosa mulherzinha, que me tem acompanhado a tanta parte e nem sequer me

disse o seu nome nem aonde mora! Tenho por ela um sentimento difícil de explicar. E a Fritzmac? Que será feito dela? Não a vejo desde a cena da Rua da Misericórdia. Deixem lá, é levada da carepa, mas é muito boa fazenda, e não se me dava...

MADEMOISELLE FRITZMAC *(Aproximando-se e batendo-lhe ao ombro, amigavelmente.)* - Não se te dava de quê!

O BARÃO - Ela! Vestida de homem!... Que grande atrevimento! Você aqui!... num baile aristocrata!...

MADEMOISELLE FRITZMAC - Adivinhei que vinhas; era o único meio de encontrar-te. Que fim levou aquela sirigaita com quem estavas na Rua da Misericórdia?

O BARÃO - Você não devia falar nisso, que é a sua vergonha!

MADEMOISELLE FRITZMAC - Tenho-te procurado por toda a parte. Já não vais ao Eldorado, já não apareces no Santana, ninguém te vê na Rua do Ouvidor. Não recuei diante da idéia de me vestir de homem, pois só assim poderia penetrar aqui. *(Abraçando-o meigamente.)* Então, meu Macucozinho, tem pena de mim: por que tratas assim a tua bichinha?

O BARÃO *(Deixando-se abraçar.)* - Quem vir isto há de supor que tenha havido entre nós intimidades de certa transcendência! Pois, senhores...

Coplas

I

MADEMOISELLE FRITZMAC

- Macuco, de mim não fujas.
Macuco, de mim tem dó;
Macuco, meu bem, reserva
Teus beijos para mim só.

Macuco, vê que a Macuca
Já está maluca

Pelo seu bem;
Macuco, vê que à Macuca
Fere e machuca
Tanto desdém!

II

Macuco, tão mau macuco
Palavra que nunca vi!
Macuco, tu não calculas
Que coisas tenho pra ti!

Macuco, vê que a Macuca, etc.

O BARÃO - Não há que ver! Estou vencido!

MADEMOISELLE FRITZMAC - Vem!

O BARÃO - Ora adeus! Vamos!... *(Vão a sair. Entra Amorosa.)*

AMOROSA - Alto!

Os DOIS *(Estacando.)* - Ela?!

MADEMOISELLE FRITZMAC *(À parte.)* - Como o domina com o olhar!...

AMOROSA *(Com muita calma, ao Barão.)* Retire-se para sua casa. Esta cena, neste lugar, pode ter conseqüências muito lamentáveis.

O BARÃO - Mas... *(É vencido por um olhar de Amorosa e sai, dizendo.)* Decididamente esta mulher tem feitiço!...

MADEMOI5ELLE FRITZMAC *(Cruzando os braços.)* - Agora nós! ---

AMOROSA - Que quer dizer essa frase: Agora nós? Nem agora nem nunca! Por lealdade não aceito a luta, pois tenho certeza que te hei de sempre vencer, qualquer que seja o terreno em que nos coloquemos! Os teus pecados nada podem contra as minhas virtudes!

MADEMOISELLE FRITZMAC - Veremos!

O VISCONDE *(Entrando de chapéu e sobretudo.)* - Ah, finalmente... *(Reparando.)* Que vejo! Ainda aqui duas pessoas! *(Alto.)* Meus senhores... vão se fechar as portas.

MADEMOISELLE FRITZMAC *(À parte.)* - Se eu apanhasse este homem! Que ótimo instrumento seria!... *(Alto.)* Aproveito este momento em que o acaso nos põe em frente um do outro, para saudar em Vossa Excelência o amigo dos prazeres!

AMOROSA - Não! Eu saúdo em Vossa Excelência o brasileiro que tanto concorre para que a sua pátria prospere com o advento da indústria, do comércio, das artes, das letras e da ciência! *(Apontando para o fundo.)* Possa realizar-se aquele quadro! *(Mutação.)*

Quadro 12

Apoteose ao progresso da indústria, do comércio, das artes, das letras e da ciência.

[(Cai o pano.)]

ATO TERCEIRO

Quadro 13 e 14

A cena representa o jornal Imprensa Fluminense, *distribuído pelas festas da abolição.*

CENA I

O BARÃO, AMOROSA

(O Barão entra rapidamente, acompanhado por Amorosa.)

AMOROSA - Mas venha cá! Que vai fazer? Onde estamos?

O BARÃO - Não vê? *(Aponta para o pano do fundo.)* Imprensa Fluminense!

AMOROSA - Ah! Agora reparo! Um imenso jornal!

O BARÃO - A imprensa fluminense congraçou-se por ocasião da lei de Treze de Maio, e fez aquele jornal de anúncios. Toda ela está representada aí, toda, exceto o *País,* que não gosta de andar acompanhado.

AMOROSA - Pois deve aborrecer-se bastante, porque circula tanto...

O BARÃO - É mesmo o jornal de maior circulação da América do Sul.

AMOROSA - Mas o que vem o senhor fazer à imprensa?

O BARÃO - Protestar contra as noticias que escreveram a respeito daquele rolo do Eldorado; deram a entender que fui eu o provocador, quando foi a Fritzmac quem me atirou um copo de cerveja tigre à cara.

AMOROSA - Não publicaram o seu nome.

O BARÃO - Mas puseram-lhe as iniciais, e é quanto basta para que todo o mundo saiba de quem se trata. Isto de iniciais é até um meio de chamar mais a atenção para o nome.

AMOROSA - E que foi o senhor fazer ao Eldorado? Dir-se-ia que tem saudades dessa mulher!

O BARÃO - Asseguro que lá não fui por causa dela. Quando ainda restasse alguma coisa do que sentia por aquele diabo, um copo de cerveja tigre na cara me curaria de todo!

AMOROSA - Pois sim, mas deixe os tipos tranqüilos.

O BARÃO - Que tipos?

AMOROSA - Os tipos da tipografia. Não faça protesto algum a semelhante respeito.

O BARÃO - Por quê?

AMOROSA *(Com sobranceria.)* - Porque não quero! *(Meiga.)* Bem sabe que só desejo o que o não prejudique.

O BARÃO - Pois seja! A senhora faz de mim o que quer!... Estamos aqui como Ceci e Peri. Ceci manda; Peri obedece!

CENA II

OS MESMOS, *o* DOUTOR GAZETA, *depois um* ARTISTA

(O Doutor entra com dois quadros debaixo do braço)

O BARÃO - Oh doutor! como tem passado?

O DOUTOR - Menos mal.

O BARÃO - Que leva aí? dois quadros?

O DOUTOR - Não são dois quadros: são dois anzóis.

AMOROSA - Dois anzóis?...

O DOUTOR - Dois prêmios para os assinantes do ano.

Copla

Co'estes cromos tão chibantes
Que a Paris mandei buscar,
Dezesseis mil assinantes
Eu tenciono abiscoitar!
Sujeitinho que se estima
E figura quer fazer,
Na parede esta obra-prima
Pendurada deve ter.
Oh, que *pendant,*
Como é gentil!
En badinant
E *M'aime t'il!*

[O DOUTOR] - Para o ano devo arranjar coisa melhor: darei um relógio a cada assinante!

O BARÃO - Com corrente?

O DOUTOR - Decerto, todo assinante é concorrente.

AMOROSA - Um relógio de ouro?

O DOUTOR - Quase. Tempo virá em que hei de dar como prêmio uma apólice da dívida pública. Adeus! *(Sai.)*

O ARTISTA *(Entrando.)* - É uma indignidade!

O BARÃO - Por que vem tão zangado, amigo?

O ARTISTA - Pois não! O senhor assistiu às festas por ocasião do regresso de Suas Majestades?

O BARÃO - A algumas. Fui um dos setenta mil logrados de Botafogo!

AMOROSA - Um verdadeiro logro, na verdade. Anunciam um fogo de vistas de dez contos de réis, e, afinal de contas, impingem ao público, tarde e a más horas, algumas pobres girândolas.

O BARÃO - Uma pulha de Primeiro de Abril.

O ARTISTA - Ah! não, mas é disso que trato. Bem me importa a mim que em Botafogo houvesse um fogo bota! Estou indignado, porque sou um pintor, sou um artista, e o comércio, tendo de ornamentar a fachada do edifício da Bolsa e dispondo de recursos para fazê-lo dignamente, foi procurar uns seringueiros muito ordinários, uns caiadores muito incompetentes, uns pinta-monos, capazes de fazer ladrar um cão! Como se neste país não houvesse artistas!

O BARÃO - E o coreto da Rua do Ouvidor, canto da dos Ourives?

AMOROSA - Um arco de triunfo, que obrigava o triunfador a passar por baixo de uns músicos!

O ARTISTA - Um desastre! Pois olhem, d'antes, estas coisas faziam-se com mais limpeza e talvez com menos despesa. Vou deitar um artigo! *(Sai.)*

AMOROSA - Tudo salva a boa intenção...

CENA III

O BARÃO, AMOROSA, *a* SEMANA *e a* ÉPOCA, *que entram desfeitas* e *cadavéricas; depois um* ESGRIMISTA, *depois* PRIMEIRO, SEGUNDO *e* TERCEIRO JORNALISTAS

O BARÃO - Ó pobres raparigas! Ó meninas, onde vão vocês?

AS DUAS - Vamos morrer.

O BARÃO - Morrer tão jovens? na primavera da vida? na idade das ilusões e do amor?... Coitadinhas! *(Tomando a Semana pela mão.)* A menina como se chama?

A SEMANA - A Semana. Já fui bonita, bonita e guapa; hoje estou neste belo estado!

AMOROSA - Não admira; tem passado por tantas mãos!...

A ÉPOCA - E eu que passei por uma única mão e estou também morre não morre?!...

O BARÃO - Como se chama?

A ÉPOCA - A Época.

O BARÃO - Pois, meus amores, vão morrer mais longe, porque eu, a respeito de defuntos, temos conversado. *(Empurra-as brandamente. Elas saem, e entra o Esgrimista, todo cheio de emplastros e coxeando.)* Querem ver que este é também algum jornal que vai morrer?

O ESGRIMISTA - Não, senhor, não sou um jornal, sou um jornalista.

O BARÃO - Pelo que estou vendo veio de algum rolo!...

O ESGRIMISTA - Engana-se. Sou membro do Clube de Esgrima e acabo de tomar uma lição de florete.

AMOROSA - Ah! o tal clube que se fundou este ano...

O BARÃO - Deve ser muito divertido.

O ESGRIMISTA - Ah! é preciso saber esgrima! A moda dos duelos vai se introduzindo no Rio de Janeiro.

AMOROSA - É o meio mais fácil de resolver os pontos de honra...

O BARÃO - E de dar extração aos pontos falsos.

O ESGRIMISTA - Em todo o caso, é bom saber uma pessoa como se há de haver em frente de uma espada.

O BARÃO - Por exemplo (Servindo-se da bengala como de um florete.) Um, dois e...

O ESGRIMISTA - Ai! (Foge.)

AMOROSA - É provável que no clube não se ensine o principal requisito para quem se vai bater, que é ter coragem...

(Entram os três jornalistas, carregados de malas e de presentes. Chegam ao meio da cena, deixam cair as malas, sentam-se sobre elas e soltam um grande suspiro de alívio.)

OS TRÊS - Ai...

O BARÃO - É a comissão de jornalistas que foi ao Rio da Prata.

PRIMEIRO JORNALISTA - Trinta banquetes!

SEGUNDO JORNALISTA - Vinte e três espetáculos!

TERCEIRO JORNALISTA - Dezoito recepções!

PRIMEIRO JORNALISTA - Dezenove maioneses!

SEGUNDO JORNALISTA - Cinqüenta e cinco discursos!

PRIMEIRO JORNALISTA (Levantando-se.) - Mas, em compensação, que amabilidade!

SEGUNDO JORNALISTA (Idem.) - Que gentileza!

TERCEIRO JORNALISTA (Idem.) - E que bonitos presentes!

PRIMEIRO JORNALISTA - Sem contar que vimos e ouvimos a Patti...

OS TRÊS - Oh! a Patti!...

Tango

- São cavalheiros finos
Os argentinos;
Não têm rival.
Enquanto lá estivemos,
Não despendemos
Nem um real!

- Casa bem mobiliada,
Roupa lavada,
Nada faltou!

PRIMEIRO JORNALISTA

- Que belas petisqueiras
O Pederneiras
Saboreou!

SEGUNDO JORNALISTA

- Oh, que linda terra!
Como são gentis!
Pode lá haver guerra
Com tão bom país!
As tais argentinas
São mesmo uma flor!
Por pouco as meninas
Nos matam de amor!

II

PRIMEIRO JORNALISTA

- Nuns corrupios doidos
Andamos todos

De cá pra lá,
E coisas viu a gente
Que infelizmente
Nunca viu cá!

SEGUNDO JORNALISTA

- Foi um passeio bruto!
Nem um minuto
Se descansou!

TERCEIRO JORNALISTA -

- Mas - é bom que se note -
Este velhote
Não fraquejou!

OS TRÊS - Oh, que linda terra! etc.

(Saem os três dançando.)

O BARÃO - Pobres homens! Vêm estrompados!

AMOROSA - Mas vêm contentes!

(Atravessa a cena um grupo de jornalistas, falando todos a um tempo.)

[JORNALISTAS] - Não entendi palavra!

O BARÃO - Discutem a imigração chinesa.

AMOROSA - Qual é a sua opinião sobre esse assunto?

O BARÃO - A minha?

AMOROSA - Sim.

O BARÃO - Homem, menina, eu não sou muito contra os chins. Dizem que são ótimos agricultores.

AMOROSA - Não há dúvida, mas não passam disso. Levam a miséria e a corrupção a toda a parte. E tanto é assim, que os americanos do norte já os repelem a mão armada.

O BARÃO - Os americanos têm lá muita gente, e nós cá precisamos de braços.

AMOROSA - Pois deixe mostrar-lhe qual será o futuro da sociedade brasileira, se a sua terra proteger semelhante imigração.

(Agita o braço. Forte na orquestra. Ergue-se o pano do fundo e aparece uma sala no gosto chinês, lembrando ao mesmo tempo as nossas casas atualmente. Fonseca-Tching está assentado, num coxim, fumando ópio e abanando-se com uma ventarola. Continua a música em surdina na orquestra durante o quadro suplementar.)

O BARÃO - Que é isto?

AMOROSA - É o que está vendo.

O BARÃO - Eu quando digo que esta mulher tem feitiço!...

AMOROSA - Imagine que estamos em meado do século que vem. Chegue-se aqui para o lado. Observemos, como se estivéssemos num teatro.

CENA IV

O BARÃO, AMOROSA, FONSECA-TCHING, *depois* TZÉNG-TZÉNG-SODRÉ, *depois* PEKY

FONSECA -

- Eu sou feliz, porque em suma
Não há no mundo outro emprego
Melhor que estar em sossego
E não fazer coisa alguma.
Batem à porta. Quem é?

A VOZ DE SODRÉ - Um seu infame criado! ...

FONSECA - Queira entrar.

(Sodré entra.)

Oh! Deus louvado!
É o Senhor Tzeng-Tzeng-Sodré!
Seja bem aparecida
Nesta pobre casa imunda
Essa cara rubicunda
Que é toda saúde e vida!

(Ergue-se e os dois cumprimentam-se á chinesa.)

SODRÉ - Então, como tem comido?

FONSECA - Perfeitamente. Obrigado.

SODRÉ - Cada vez mais anafado!

FONSECA - Vou como Buda é servido..

SODRÉ -

- Minha família canalha
Me pede que cumprimente
A sua esposa excelente.
Onde está ela?

FONSECA -

- Trabalha.
Minha ignóbil mulherzinha
Retribui reconhecida
Tais cumprimentos. Metida
Ela está lá na cozinha
A lavar facas e pratos:
Não lhe pode aparecer.
E o senhor? Come a valer?

SODRÉ -

Ainda hoje comi dois ratos
Que achei no barril do cisco.

FONSECA - Arrotou? Não teve azia?

(Sinais afirmativo e negativo de Sodré.)

É prato de economia
Mas é muito bom petisco.

(Sentindo os efeitos do ópio.)

Tenho fumado demais!
Fume você no meu próprio
Chibuque. Veja que bom ópio
Este de Minas Gerais!

(Passa o cachimbo a Sodré, que fuma.)

SODRÉ *(Vendo entrar Peky.)* - Olé! formosa Peky!

PEKY -

'Stava lavando a gamela;
Ouvi-lhe a voz...

SODRÉ - Como é bela!

PEKY - E pressurosa corri.

SODRÉ *(Tomando a mão de Peky, a Fonseca.)*

- Esta mão já duas vezes
Tive a honra de pedir.

PEKY -

- É tempo de decidir:
'Stou d'esp'ranças há três meses...

FONSECA -

Ainda não é visível
Esse estado interessante,
E noivo mais importante
Que se apresente é possível!
Mesmo saber desse estado
Há muito noivo que estima;
Acha mulher e, inda em cima,
Trabalho já começado,
Porque, enfim, Sodré querido,

A tudo a ambição recorre;
Se a mulher sem filho morre,
Não herda nada o marido!

(Com resolução, abraçando-os.)

Ora adeus! Eu não desejo
Que me torçais os narizes;
Casai-vos! sede felizes!

SODRÉ - Oh! que felicidade! Um beijo!

(Beija Peky. Fonseca cai no chão completamente embriagado.)

O velho bêbado está,
E eu já me sinto também...

(Cai.) -

- Vem a meus braços, oh, vem!
Beijos ardentes me dá... *(Adormece.)*

PEKY -

- Dormem ambos... Ora pois,
Neste cachimbo dourado
Vou fumar o meu bocado,
E adormecer como os dois...

(Tira o cachimbo das mãos de Sodré e começa a fumar. Cai o pano do fundo. Cessa a música.)

CENA V

O BARÃO, AMOROSA, *depois o* TERCEIRO JORNALISTA

AMOROSA - Então? que diz àquele quadro?

O BARÃO - Digo que a menina lavrou dois tentos. Já estou completamente voltado contra o chim.

TERCEIRO JORNALISTA *(Entrando.)* Aqui tem o primeiro número do meu *Diário do Commercio.* A alma do *Diário de Noticias* num corpo novo.

O BARÃO *(Examinando.)* - O aspecto é agradável. Naturalmente o miolo diz com a casca.

AMOROSA - Já vi também a *Tribuna Liberal.* Bem escrita, mas perversa.

TERCEIRO JORNALISTA - Adeus. *(Sai.)*

AMOROSA - É um jornal garantido.

O BARÃO - Xi! que grupo ali vem! Fujamos! *(Saem. Entra um grupo de caixeiros.)*

CENA VI

CAIXEIROS, *armados com baldes de piche e broxas*

CORO -

- Das portas o fechamento
Nós vimos todos pedir.
A imprensa neste momento
Vai nossas queixas ouvir.

UM CAIXEIRO

- Amigos da liberdade
Os maus patrões vão ficar;
Embora contra a vontade,
As portas hão de fechar.
Quando algum deles capriche,
E liberdade não der,
Leva de piche,
Haja o que houver!

CORO

- Leva de piche, de piche, de piche,
Haja o que houver!
Das portas o fechamento, etc.

(Saem Os caixeiros. Mutação.)

Quadro 15

O Rossio, no ponto compreendido entre a Rua Sete de Setembro e o Teatro São Pedro. Cena escura.

CENA I

O BARÃO, AMOROSA

AMOROSA - O senhor durante todo o caminho tem me parecido contrariado... Não está satisfeito por se ir embora?

O BARÃO - Pois bem, deixe falar-lhe com o coração nas mãos! Não estou nada satisfeito! Fiz uma figura d'urso - aí está o que fiz! Compreendo que a senhora não me concedesse certas regalias; está se vendo que é uma menina honrada... o que, aliás, torna ainda mais inexplicável o seu procedimento de acompanhar-me por toda a parte e fazer-me continuas declarações.

AMOROSA - O senhor tem uma falsa compreensão do amor.

O BARÃO - Mas a outra, a Fritzmac?.. Por que não deixou que arranjássemos nós a nossa vida? Afinal de contas, que perderia eu com isso? Agora, usando dessa misteriosa influência que exerce sobre a minha pessoa, a senhora obriga-me a tomar o trem de ferro e voltar para a fazenda!

AMOROSA - É o que devia ter feito há mais tempo.

O BARÃO - E o bonito é que uma força irresistível me obriga a obedecer sem tugir nem mugir! E vou-me embora! Só lhe digo duas palavras, duas palavras apenas, mas enérgicas e cheias de filosofia! Essas duas palavras são: - Ora bolas!

AMOROSA - Chegou o momento de revelar-lhe tudo.

O BARÃO - Tudo quê?

AMOROSA - Tudo quanto não sabe. A Fritzmac é uma criatura sobrenatural.

O BARÃO - Hein?...

AMOROSA - É uma invenção do Diabo, assim como eu sou uma invenção do Amor.

O BARÃO *(Recuando.)* - Quê?... A senhora também é sobrenatural?...

AMOROSA - Pois não deu ainda por isso?...

O BARÃO - Já andava desconfiado... principalmente depois da tal feitiçaria dos china...

AMOROSA - O meu poder é ilimitado!

Copla

Na terra embora tudo se mude,
Tomem as coisas diversa cor,
Forte há de sempre ser a virtude,
No eterno orgulho do seu vigor.
Anos decorram,
Séculos corram,
É inabalável o Deus do amor.

O BARÃO - Ao mesmo tempo que a senhora me parece criatura de outro planeta, custa-me crer que não seja uma mulher como as outras...

AMOROSA - Experimente.

O BARÃO *(Maliciosamente.)* - Como?

AMOROSA - Quer que eu faça aparecer aqui alguma coisa que o divirta?... Temos tempo: ainda não são horas de tomar o trem, daqui à estação é um instante e já lá estão as bagagens.

O BARÃO - Ora! O que me poderá divertir?...

AMOROSA - Qual é o divertimento da sua predileção?

O BARÃO - É o teatro.

AMOROSA - Pois bem, farei desfilar diante de seus olhos Os principais acontecimentos teatrais do ano que está a findar.

O BARÃO - Sempre quero ver isso.

AMOROSA - Pois vai ver! *(Faz um gesto.)* Aí tem Dona Inês de Castro.

CENA II

OS MESMOS, *a* CASTRO

O BARÃO - Olá! a mísera e mesquinha! *(Vendo entrar a Castro.)* Tem razão: é a própria; conheço-a do bom tempo.

A CASTRO -

Estava a linda Inês...
A linda Inês sou eu!...

O BARÃO *(A Amorosa.)* - É ela!

A CASTRO -

- Estava a linda Inês posta em sossego,
Entre o pó de esquecidos alfarrábios,
E sacrílega mão ninguém lhe punha.
Quando o empresário do Recrei' Dramático,
Prevendo que a ressurreição da peça
Lhe levaria público ao teatro,
Foi buscá-la nos lôbregos arquivos,
Mandou tirar papéis, meteu-a em cena,
E encarregou-se do papel de Afonso,
O rei severo, o pai meigo e sensível.
Se nós não temos lá um João Caetano,
Se nós não temos uma Ludovina,
Possuímos, no entanto, alguns artistas
Que ainda podem prestar bem bons serviços!
A tragédia montada foi com luxo,
Luxo nas roupas e nos acessórios...

O BARÃO -

- Nem era de esperar que o Dias Braga
Procedesse jamais de outra maneira!...

A CASTRO -

Eu quisera, porém, que me deixassem
No meu canto gozando o doce fruto
Da paz inalterável dos arquivos...

(Saem majestosamente.)

UMA VOZ - Pchit! Pchit!

AMOROSA - Donde partem estes psius?. . Quem nos chama?

A VOZ - Sou eu! Estou aqui! Deste lado! no terraço do Teatro São Pedro de Alcântara!

O BARÃO - Ah! Lá está! É um homem muito branco!

AMOROSA - Não se engano! É a estátua de Antônio José!

A VOZ - Digam-me uma coisa, meus senhores. É verdade que estão representando ali defronte as minhas *Guerras do Alecrim e da Manjerona?*

AMOROSA - É verdade, sim, Senhor Antônio José. E com muitos aplausos.

A VOZ - Faço idéia! Aplausos de convenção, muito diversos daqueles do Bairro Alto! Tenham a bondade de dizer ao empresário que a minha época passou. Deixem as minhas óperas em companhia da *Nova Castro!*

AMOROSA - Lá direi.

A VOZ - Adeus. Vou tomar um semicúpio.

AMOROSA - Adeus, Senhor Antônio José.

CENA III

O BARÃO, AMOROSA, *um* EX-ATOR, *depois* PRIMEIRO *e* SEGUNDO ENGENHEIROS, *depois a* GRÃ-VIA

AMOROSA - Aqui está outro acontecimento teatral do ano. Barão, apresento-lhe o ator Martins.

O EX-ATOR - Ator, risque: ex-ator.

Canto

Sou do Correio
Almoxarife;
Agora o bife
Seguro está!
Já não receio
Tacão de bota,
Nem a risota
Provoco já!
Meus ex-colegas
Todos me invejam
E até desejam
Me acompanhar,
Pois sem pelegas
Não vale a pena
Ir para a cena
Representar.
Muito contente, olé! muito contente, olá!
O almoxarife está! *(Sai dançando.)*

AMOROSA - Um homem feliz! Passou pelo teatro, foi aplaudido, e não acabará no Galeão.

O BARÃO - Onde dizem que o governo vai fundar um asilo para os artistas dramáticos... *(Entram dois engenheiros.)*

PRIMEIRO ENGENHEIRO - Olhe, colega, neste teatro é preciso abrir cem portas!

SEGUNDO ENGENHEIRO - Ficará um Teatro Tebas!

PRIMEIRO ENGENHEIRO - No Recreio pôr-se-ão cinco escadas.

SEGUNDO ENGENHEIRO - No Santana umas poucas de saídas.

PRIMEIRO ENGENHEIRO - Que, sendo preciso, poderão também servir de entradas...

SEGUNDO ENGENHEIRO - O Pedro II é que de mais reformas precisa!

PRIMEIRO ENGENHEIRO - Passará por uma transformação completa!

SEGUNDO ENGENHEIRO - O mesmo acontecerá à Fênix.

PRIMEIRO ENGENHEIRO - Ora, o mesmo acontecerá a todos os outros!

SEGUNDO ENGENHEIRO - Talvez fosse mais curial propor o arrasamento dos teatros existentes e a edificação de novos.

PRIMEIRO ENGENHEIRO - Pelo menos a economia seria maior...

SEGUNDO ENGENHEIRO - Vamos estudar?

PRIMEIRO ENGENHEIRO - Estudemos! *(Saem ambos.)*

O BARÃO - Os proprietários dos nossos teatros podem considerar-se também vítimas do incêndio do Baquet.

AMOROSA - Ai vem a *Grã-via,* que foi, por bem dizer, o único sucesso teatral do ano.

A GRÃ-VIA - Conhecem a *Grã-via?*

OS DOIS - E quem não conhece?

Canto

AMOROSA -

- Essa
Peça

Tantas vezes se tem dado,
Que hoje Foge
Dela o público maçado!

O BARÃO -

- Por formas tão diversas
A dão, coitada,
Que ninguém quer conversas
Coa desgraçada!

A GRÃ-VIA -

Má sorte em Grande Avenida
Me transformou;
Não há música batida
Mais do que eu sou.
Sou vítima dos planos
Deste pais...
Digam-me tais desumanos,
O que lhes fiz! *(Sai. dançando.)*

CENA IV

O BARÃO, AMOROSA, *um* DILETANTE, *depois um* EMPRESÁRIO LÍRICO, *depois* PRIMEIRO JORNALISTA, *acompanhado do* QUARTO *e do* QUINTO, *que não falam.*

O BARÃO *(Vendo entrar o Diletante a chorar.)* - Oh! um homem a chorar! Que é isto? É também um acontecimento teatral? Querem ver que este senhor acabou de assistir à representação de uma comédia?

O DILETANTE *(Chorando.)* - Não, senhor... choro por que ela não veio.

AMOROSA - Ela quem?

O DILETANTE - Ou antes, veio e não cantou; e se cantou, não a ouvi! Ouvi-la era o meu sonho doirado! Ouvi-la, sim, ainda que não fosse senão nalguns compassos daquela ária do *Barbeiro,* em que a dizem sublime. *(Chorando e cantando ao mesmo tempo.) Una voce poco fa...*

AMOROSA - Ah! fala da Adelina Patti.

O DILETANTE - Sim, falo da célebre diva italiana! Eu estava tão esperançado agora de não morrer sem ouvi-la! Já tinha resolvido empenhar até os colchões em que durmo para tomar uma assinatura!

O BARÃO - Já é vontade de ouvir a Patti!

O DILETANTE Viram os telegramas? Que tormento: "A Patti vai." "Não vai a Patti." "Vai." "Não vai." "Vai." e não veio! Quero dizer, veio mas não cantou nem nada, e lá se muscou outra vez sem dar uma nota! Nunca me hei de consolar desta hipótese. *(Sai chorando.)*

O BARÃO - Que grande pedaço d'asno!...

(Entram os artistas de uma companhia lírica perseguindo o Empresário.)

CORO DOS ARTISTAS

- O senhor empresário, sem demora
O que deve é pagar, senão há briga!
Não podemos daqui nos ir embora;
Temos todos a sela na barriga!...

O EMPRESÁRIO

- Artistas meus caríssimos,
Não me griteis assim!
Queixai-vos só do público;
Não vos queixeis de mim.

(Sai. A orquestra faz lembrar um motivo da canção do aventureiro, do Guarani.)

CORO -

Co' esta quebradeira insólita,
Co' esta falta de dinheiro,
Não vem fora de propósito
A canção do aventureiro!
Pobre de nós! na miséria

Vamos ficar!
Que a coisa é séria
Não há mais que duvidar.

PRIMEIRO JORNALISTA *(Entrando acompanhado pelo terceiro e quinto jornalista.)*

Recitativo

Da imprensa generosa, ilustre comissão
De que fazemos parte,
Vos toma a todos sob a sua proteção
Por amor da arte.

ÁRIA DO TROVADOR

- Pobres artistas,
Corro a salvar-vos!
Hei de arranjar-vos
Alguns mil réis;
Pagareis todos
Vossas passagens,
E as hospedagens
Nesses hotéis.

CORO - Muito obrigado.

PRIMEIRO JORNALISTA - Não há de quê.

CORO -

- Isto só nesta
Terra se vê.

PRIMEIRO JORNALISTA

- Em mim achastes
Um bom amigo!
Vindo comigo
Ao Castelões!
O fluminenses,
Ides um dia
Ter companhia
A dez tostões!

CORO

- Se nos dá de *comê.*
Se nos dá de *bebê.*
Se nos paga os hotéis o seu bem,
Vamos lá com você!
*(Saem os jornalist*as e os co*ros.)*

O BARÃO - Mas a senhora não me mostrou o acontecimento teatral mais importante do ano: a vinda do grande Coquelin.

AMOROSA - Não temos tempo para mais nada. Daqui a vinte minutos, parte o trem. Vamos!...

O BARÃO - Vamos lá! Estou convencido... A Baronesa vai ter um alegrão! *(Música na orquestra.)* Que é aquilo?

AMOROSA - São as tropas que vão para Mato Grosso. Vamos ao encontro delas.

O BARÃO - Vamos! *(Saem. Começam a desfilar as tropas da esquerda para a direita. No meio da desfilada, faz-se a mutação.)*

Quadro 16

A sala do quadro terceiro.

CENA ÚNICA

MADEMOISELLE FRITZMAC, *depois* PERO BOTELHO

MADEMOISELLE FRITZMAC *(Entrando enraivecida.)* - Inferno e danação! Ele partiu!... Partiu sem que eu pudesse transmitir-lhe os meus pecados! Fui vencida por aquela maldita filha do Amor! Que contas hei de dar de mim a Pero Botelho?! *(Pero Botelho surge do alçapão.)* Ele!...

PERO BOTELHO - És um gênio pulha, um espírito de meia tigela, não vales dois caracóis! Em vez de corromper uma sociedade inteira, procuraste perverter um indivíduo só, e isso mesmo não conseguiste! Estúpida!... Que fizeste

durante todo este ano? O mormo dos burros talvez, só isso!

MADEMOISELLE FRITZMAC - Fiz o que pude... Até me vesti de homem!...

PERO BOTELHO - Pois foi pena que te não recrutassem para o exército.

MADEMOISELLE FRITZMAC - Tive uma adversária terrível...

PERO BOTELHO - Qual adversária nem qual carapuça! És um gênio mau.

MADEMOISELLE FRITZMAC - E tu tens muito mau gênio.

PERO BOTELHO - Nunca o Brasil foi tão feliz como neste ano! Aboliu-se a escravidão, receberam-se cento e trinta mil imigrantes, o comércio prosperou, as artes deram sinal de vida, e publicaram-se livros! Até as mulheres!... Foi preciso que tu cá viesses para que no Rio de Janeiro houvesse uma doutora, uma farmacêutica, e até uma toureadora!... Com certeza não és a criatura que eu desejava. Fritzmac deu-me uma mulher falsificada... Condenei-o a três meses de cadeia, e retirei-lhe a Grã-cruz com que o havia condecorado.

MADEMOISELLE FRITZMAC - Fez mal; não é dele a culpa, mas dos próprios pecados, que estão serôdios, e já não produzem efeito em ninguém. A sociedade moderna transformou os pecados em virtudes; a avareza hoje é economia e previdência; a ira, coragem e energia; a preguiça, prudência, discrição e modéstia a inveja, ambição e estímulo; a gula, é sinal de saúde e bons costumes, e a luxúria... amor!...

PERO BOTELHO - Talvez tenhas razão... mas olha que lá no inferno não me pões mais os pés!... Fica-te no Rio de Janeiro a tomar cajuadas, e deixa-te dominar pelas virtudes, se quiseres. Nada tenho com isso. Para o ano virei em pessoa corromper esta boa gente. Bem diz o ditado que quem quer vai, e quem não quer manda.

AMOROSA *(Entrando.)* - Então não se conta comigo?

Q AMOR *(Idem.)* - Nem comigo?

PERO BOTELHO - Por Satanás! que grande audácia!...

O AMOR - Volta para o ano, e aqui me encontrarás pronto para o combate!

MADEMOISELLE FRITZMAC - Veremos.

AMOROSA -

- Há de o Brasil crescer: do amor o deus antigo
De protegê-lo não cansa;
O Oitenta e Nove há de lhe ser amigo...
Boa figura vai fazer em França.

(Aponta para o fundo. Mutação.)

Quadro 17

O Palácio do Brasil na Exposição Universal de 1889. A orquestra executa um trecho de música, composto pela Marselhesa e pelo Hino Brasileiro, engenhosamente ligados.

(Cai o pano.)

****

Sobre os autores e suas obras

Aluísio Azevedo (Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo), caricaturista, jornalista, romancista e diplomata, nasceu em São Luís, MA, em 14 de abril de 1857, e faleceu em Buenos Aires, Argentina, em 21 de janeiro de 1913. É o fundador da Cadeira n. 4 da Academia Brasileira de Letras.

Era filho do vice-cônsul português David Gonçalves de Azevedo e de d. Emília Amália Pinto de Magalhães e irmão mais moço do comediógrafo Artur Azevedo. Sua mãe havia casado, aos 17 anos, com um rico e ríspido comerciante português. O temperamento brutal do marido determinou o fim do casamento. Emília refugiou-se em casa de amigos, até conhecer o vice-cônsul de Portugal, o jovem viúvo David. Os dois passaram a viver juntos, sem contraírem segundas núpcias, o que à época foi considerado um escândalo na sociedade maranhense.

Da infância à adolescência, Aluísio estudou em São Luís e trabalhou como caixeiro e guarda-livros. Desde cedo revelou grande interesse pelo desenho e pela pintura, o que certamente o auxiliou na aquisição da técnica que empregará mais tarde ao caracterizar os personagens de seus romances. Em 1876, embarcou para o Rio de Janeiro, onde já se encontrava o irmão mais velho, Artur. Matriculou-se na Imperial Academia de Belas Artes, hoje Escola Nacional de Belas Artes. Para manter-se, fazia caricaturas para os jornais da época, como O Figaro, O Mequetrefe, Zig-Zag e A Semana Ilustrada. A partir desses "bonecos" que conservava sobre a mesa de trabalho, escrevia cenas de romances.

A morte do pai, em 1878, obrigou-o a voltar a São Luís, para tomar conta da família. Ali começou a carreira de escritor, com a publicação, em 1879, do romance Uma lágrima de mulher, típico dramalhão romântico. Ajuda a lançar e colabora com o jornal anticlerical O Pensador, que defendia a abolição da escravatura, enquanto os padres mostravam-se contrários a ela. Em 1881,

Aluísio lança O mulato, romance que causou escândalo entre a sociedade maranhense, não só pela crua linguagem naturalista, mas sobretudo pelo assunto de que tratava: o preconceito racial. O romance teve grande sucesso, foi bem recebido na Corte como exemplo de Naturalismo, e Aluísio pôde fazer o caminho de volta para o Rio de Janeiro, embarcando em 7 de setembro de 1881, decidido a ganhar a vida como escritor.

Quase todos os jornais da época tinham folhetins, e foi num deles que Aluísio passou a publicar seus romances. A princípio, eram obras menores, escritas apenas para garantir a sobrevivência. Depois, surgiu nova preocupação no universo de Aluísio: a observação e análise dos agrupamentos humanos, a degradação das casas de pensão e sua exploração pelo imigrante, principalmente o português. Dessa preocupação resultariam duas de suas melhores obras: Casa de pensão (1884) e O cortiço (1890). De 1882 a 1895 escreveu sem interrupção romances, contos e crônicas, além de peças de teatro em colaboração com Artur de Azevedo e Emílio Rouède.

Em 1895 encerrou a carreira de romancista e ingressou na diplomacia. O primeiro posto foi em Vigo, na Espanha. Depois serviu no Japão, na Argentina, na Inglaterra e na Itália. Passara a viver em companhia de D. Pastora Luquez, de nacionalidade argentina, junto com os dois filhos, Pastor e Zulema, que Aluísio adotou. Em 1910, foi nomeado cônsul de 1a classe, sendo removido para Assunção. Depois foi para Buenos Aires, seu último posto. Ali faleceu, aos 56 anos. Foi enterrado naquela cidade. Seis anos depois, por uma iniciativa de Coelho Neto, a urna funerária de Aluísio Azevedo chegou a São Luís, onde o escritor foi sepultado definitivamente.

Obras: Uma lágrima de mulher, romance de estréia (1880); O mulato, romance (1881); Mistério da Tijuca, romance (1882; reeditado: Girândola de amores); Memórias de um condenado (1882; reeditado: A condessa Vésper); Casa de pensão, romance (1884); Filomena Borges, romance (publicado em folhetins na Gazeta de Notícias, 1884); O homem, romance (1887); O coruja, romance (1890); O cortiço, romance (1890); Demônios, contos (1895); A mortalha de Alzira, romance (1894); Livro de uma sogra, romance (1895).

****

Artur Azevedo (Artur Nabantino Gonçalves de Azedo), jornalista, poeta, contista e teatrólogo, nasceu em São Luís, MA, em 7 de julho de 1855, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 22 de outubro de 1908. Figurou, ao lado do irmão Aluísio de Azevedo, no grupo fundador da Academia Brasileira de Letras, onde criou a Cadeira n. 29, que tem como patrono Martins Pena.

Foram seus pais David Gonçalves de Azevedo, vice-cônsul de Portugal em São Luís, e Emília Amália Pinto de Magalhães, corajosa mulher que, separada de um comerciante, com quem casara a contragosto, já vivia maritalmente com o funcionário consular português à época do nascimento dos filhos: três meninos e duas meninas. Casaram-se posteriormente, após a morte na Corte, de febre amarela, do primeiro marido. Aos oito anos Artur já demonstrava pendor para o teatro, brincando com adaptações de textos de autores como Joaquim Manuel de Macedo, e pouco depois passou a escrever, ele próprio, as peças que representava. Muito cedo começou a trabalhar no comércio. Depois foi empregado na administração provincial, de onde foi demitido por ter publicado sátiras contra autoridades do governo. Ao mesmo tempo lançava as primeiras comédias nos teatros de São Luís. Aos quinze anos escreveu a peça Amor por anexins, que teve grande êxito, com mais de mil representações no século passado. Ao incompatibilizar-se com a administração provincial, concorreu a um concurso aberto, em São Luís, para o preenchimento de vagas de amanuense da Fazenda. Obtida a classificação, transferiu-se para o Rio de Janeiro, no ano de 1873, e logo obteve emprego no Ministério da Agricultura.

A princípio, dedicou-se também ao magistério, ensinando Português no Colégio Pinheiro. Mas foi no jornalismo que ele pôde desenvolver atividades que o projetaram como um dos maiores contistas e teatrólogos brasileiros. Fundou publicações literárias, como A Gazetinha, Vida Moderna e O Álbum. Colaborou em A Estação, ao lado de Machado de Assis, e no jornal Novidades, onde seus companheiros eram Alcindo Guanabara, Moreira Sampaio, Olavo Bilac e Coelho Neto. Foi um dos grandes defensores da abolição da escravatura, em seus ardorosos artigos de jornal, em cenas de

revistas dramáticas e em peças dramáticas, como O Liberato e A família Salazar, esta escrita em colaboração com Urbano Duarte, proibida pela censura imperial e publicada mais tarde em volume, com o título de O escravocrata. Escreveu mais de quatro mil artigos sobre eventos artísticos, principalmente sobre teatro, nas seções que manteve, sucessivamente, em O País ("A Palestra"), no Diário de Notícias ("De Palanque"), em A Notícia (o folhetim "O Teatro"). Multiplicava-se em pseudônimos: Elói o herói, Gavroche, Petrônio, Cosimo, Juvenal, Dorante, Frivolino, Batista o trocista, e outros. A partir de 1879 dirigiu, com Lopes Cardoso, a Revista do Teatro. Por cerca de três décadas sustentou a campanha vitoriosa para a construção do Teatro Municipal, a cuja inauguração não pôde assistir.

Embora escrevendo contos desde 1871, só em 1889 animou-se a reunir alguns deles no volume Contos possíveis, dedicado pelo autor a Machado de Assis, que então era seu companheiro na secretaria da Viação e um de seus mais severos críticos. Em 1894, publicou o segundo livro de histórias curtas, Contos fora de moda, e mais dois volumes, Contos cariocas e Vida alheia, constituídos de histórias deixadas por Artur de Azevedo nos vários jornais em que colaborara.

No conto e no teatro, Artur Azevedo foi um descobridor de assuntos do cotidiano da vida carioca, e observador dos hábitos da capital. Os namoros, as infidelidades conjugais, as relações de família ou de amizade, as cerimônias festivas ou fúnebres, tudo o que se passava nas ruas ou nas casas lhe forneceu assunto para as histórias. No teatro foi o continuador de Martins Pena e de França Júnior. Suas comédias fixaram aspectos da vida e da sociedade carioca. Nelas teremos sempre um documentário sobre a evolução da então capital brasileira. Teve em vida cerca de uma centena de peças de vários gêneros e extensão (e mais trinta traduções e adaptações livres de peças francesas) encenadas em palcos nacionais e portugueses. Ainda hoje continua vivo como a mais permanente e expressiva vocação teatral brasileira de todos os tempos, através de peças como A jóia, A capital federal, A almanarra, O mambembe, e outras.

Outra atividade a que se dedicou foi a poesia. Foi um dos representantes do Parnasianismo, e isso meramente por uma questão de cronologia, porque pertenceu à geração de Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac, todos sofrendo a influência de poetas franceses como Leconte de Lisle, Banville,

Coppée, Heredia. Mas Artur Azevedo, pelo temperamento alegre e expansivo, não tinha nada que o filiasse àquela escola. É um poeta lírico, sentimental, e seus sonetos estão perfeitamente dentro da tradição amorosa dos sonetos brasileiros.

OBRAS
Carapuças (1872); Sonetos (1876); Uma Véspera de Reis (1876); Jóia (1879); O Escravocrata (1884); Almanjarra (1888); Contos Possíveis (1889); Contos Fora de Moda (1893); A Capital Federal (1897); Contos Efêmeros (1897); Rimas (1909); Contos Cariocas (1929); Teatro (1983).

****